

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 10 de maio de 2021 às 07h47
Seleção de Notícias

Economia & Negócios -Estadão.com | BR

Patentes

'Decisão do Supremo sobre patentes acaba com privilégios', diz especialista	5
--	----------

ECONOMIA | RENÉE PEREIRA | O ESTADO DE S.PAULO

Época Negócios - Online | BR

Patentes

Acordo sobre quebra de patente pode levar meses, dizem especialistas	7
---	----------

Patentes

França e Rússia apoiam suspensão de patente de vacinas; Brasil avalia adesão	9
---	----------

Terra - Notícias | BR

Patentes

Ericsson chega a acordo em disputa sobre patente com Samsung	11
---	-----------

06 de maio de 2021 | Patentes

Sou contra quebra de patentes de vacinas, diz Queiroga à CPI da Covid	12
--	-----------

BRASIL

06 de maio de 2021 | Patentes

Carlos França: estamos tentando entender mudança dos EUA sobre quebra de patentes	13
--	-----------

BRASIL

Patentes

UE pede que EUA e outros exportem vacinas em vez de falarem em quebra de patente	14
---	-----------

Estadão.com.br - Últimas notícias | BR

Desenho Industrial

Negociação sobre quebra de patente irá além do limite da OMC	15
---	-----------

GERAL | O ESTADO DE S.PAULO | BEATRIZ BULLA

Patentes

Prós e contras da quebra do registro para a economia global; leia análise	18
--	-----------

GERAL | O ESTADO DE S.PAULO | VLADIMIR KÜHL TELES

O Globo | BR

08 de maio de 2021 | Desenho Industrial

Só patente não basta	20
-----------------------------------	-----------

MUNDO

08 de maio de 2021 Patentes	
Carlos Alberto Sardenberg	22
<small>CARLOS ALBERTO SARDENBERG</small>	
08 de maio de 2021 Patentes	
Pablo Ortellado	24
<small>PABLO ORTELLADO PABLO ORTELLADO</small>	
08 de maio de 2021 Patentes	
A hora da ciência	26
<small>A HORA DA CIÊNCIA</small>	
 Folha de S.Paulo BR	
08 de maio de 2021 Direitos Autorais	
Entenda o NFT, escritura digital que faz meme virar fortuna de US\$ 470 mil	28
<small>MERCADO PAULA SOPRANA</small>	
08 de maio de 2021 Patentes	
Avanços patentes	31
<small>OPINIÃO FOLHA DE S. PAULO</small>	
08 de maio de 2021 Patentes	
Governo elogia proposta americana de quebra de patentes, mas não a endossa	32
<small>SAÚDE RICARDO DELLA COLETTA</small>	
 Época online BR	
Patentes	
Reunidos em Portugal, líderes europeus dividem-se sobre quebra de patentes de vacina	33
<small>MUNDO RFI</small>	
 Exame.com BR	
Patentes	
Suspensão de patentes teria pouco impacto na produção brasileira	35
<small>ESTADÃO CONTEÚDO</small>	
 Folha.com BR	
Patentes	
Solução para vacinas não pode ser apenas quebra de patentes, diz ministra espanhola	39
<small>EQUILÍBRIO</small>	
 G1 - Globo BR	
Desenho Industrial	
Operação contra pirataria de óculos prende 12 pessoas e apreende uma tonelada de produtos ...	41
<small>G1 PE</small>	
Patentes	
Governo diz que discutirá vacinas e patentes 'em profundidade' com os EUA	43
<small>VALOR ONLINE</small>	

O Globo Online | BR

Marco regulatório | INPI

STF proíbe extensão de prazos de patentes: Entenda a decisão e por que ela mexe com a indústria de medicamentos	45
--	-----------

ECONOMIA

08 de maio de 2021 | Patentes

Propriedade intelectual e Covid-19	49
---	-----------

POST | PABLO ORTELLADO

R7 | BR

Patentes

UE adota cautela sobre quebra de patentes e defende exportações	50
--	-----------

BOL - Notícias | BR

08 de maio de 2021 | Patentes

Quebra de patentes das vacinas "pode salvar milhões de vidas", diz Unesco	52
--	-----------

Veja.com | BR

Patentes

Brasil agora apoia negociações para quebra de patentes de vacinas	53
--	-----------

DA REDAÇÃO

CNN Brasil Online | BR

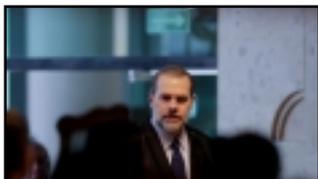
Patentes

Após iniciativa dos EUA, Brasil diz que quebra de patentes apoia combate à Covid	54
---	-----------

EM SÃO PAULO | ANNA GABRIELA COSTA

'Decisão do Supremo sobre patentes acaba com privilégios', diz especialista

ECONOMIA



A professora de **Direito** Constitucional da FGV Direito/SP, **Eloísa Machado**, considerou acertada a decisão do **Supremo** Tribunal Federal (STF) contra a **extensão** dos prazos de patentes para além dos 15 ou 20 anos. Ela destaca que, pela decisão de ontem, ficou claro que essa medida é inconstitucional. Ao contrário daqueles que pregam que o julgamento vai restringir a inovação e investimentos, Eloísa afirma que a decisão é apenas a volta à normalidade. "Esse tipo de proteção extravagante é uma coisa que não tem parâmetro no mundo." A seguir, trechos da entrevista.

O que ficou decidido ontem e o que ainda precisa ser julgado?

A decisão de ontem declarou o parágrafo único do artigo 40 inconstitucional. Mas o tribunal ainda não definiu o impacto dessa declaração. Pela lei, há efeitos retroativos. O que significa dizer que qualquer extensão de patente que esteja em vigor para além dos 15 anos ou 20 anos de proteção será cassada. Mas já se desenha no STF uma tentativa de modulação desses efeitos. Ou seja, quando olhar para o passado, fazer com que apenas as extensões de patentes do setor de saúde sejam cassadas. Os demais setores, como informática e agronegócios (sementes), não seriam afetados. Mas, independentemente do setor, daqui para frente não poderão ser concedidas novas extensões.

O que representa essa decisão?

É a primeira vez que o STF decide sobre a constitucionalidade de alguns artigos da lei de pro-

priedade industrial frente ao que a Constituição prevê em relação ao tema. É um julgamento muito importante. O principal motor dos votos dos ministros foi o impacto que essas patentes têm em relação ao preço e ao acesso aos medicamentos. Isso pode ter impacto em novas decisões uma vez que há outras ações em tramitação no STF sobre o assunto.

Há outros pedidos pendentes?

Sim. A judicialização de medicamentos de alto custo traz esse argumento de patentes assim, como a inconstitucionalidade das patentes pipeline, que retiram medicamentos que já estavam em domínio público. O debate que pega essa interface do direito à saúde, do preço do medicamento e da patente que está presente em algumas outras ações no STF teve uma sinalização muito forte no sentido de que o tribunal está atento aos prejuízos que um desequilíbrio nessa proteção indevida pode acarretar ao acesso a saúde.

A decisão pode provocar desincentivo à inovação e evasão de investimentos?

Não acredito nisso. Não estamos falando de flexibilidade ou **quebra** de patente. Estamos falando de um retorno à normalidade à patente, de que o prazo além dos 20 anos é inconstitucional. Mesmo assim, os setores mobilizam esses argumentos de que qualquer mudança vai promover um desincentivo. Isso não é verdadeiro. Além disso, há um amplo diagnóstico global que se preocupa com a falta de inovação em várias áreas, sobretudo para doenças que assolam países pobres, justamente por não ser um sistema capaz de gerar uma inovação como havia sido prometida. O diagnóstico é que talvez se tenha dado muito privilégio para a inovação em troca de pouca inovação. É um sistema em crise, um sistema que passa por muitos debates de revisão global. É uma pena

Continuação: 'Decisão do Supremo sobre patentes acaba com privilégios', diz especialista

que os setores produtivos se mostrem tão resistentes em pensar formas de encontrar saídas sobretudo quando a pandemia escancara as falhas tão graves desse sistema.

Então a decisão não provoca insegurança jurídica?

Não. Estamos falando de uma adequação da legislação ao que a Constituição diz e uma adequação aos parâmetros internacionais. Esse tipo de proteção extravagante (20 anos mais 10) é uma coisa que não tem parâmetro no mundo. Estamos falando de empresas que exploraram por 20 anos essas invenções e **patentes** e querem ter direito a mais 10, sendo que é inconstitucional. Podem desejar ser exclusivos e monopolistas pelo resto da existência, mas esse não é o sistema que lidamos, que é um sistema de competitividade, concorrência e livre iniciativa.

Quem ganha com essa decisão do STF?

Se estamos dizendo que uma lei é inconstitucional, então ganhamos todos. Porque não temos nenhuma distorção legislativa afrontando nossa Constituição. Ganham todos aqueles que executam orçamento público, aqueles que usufruem do sistema público e aqueles que têm planos de saúde e consomem medicamentos. Todos ganham porque há uma volta à normalidade e uma tentativa de sanar essa inconstitucionalidade. Grandes setores e indústrias que enriqueceram ilicitamente baseadas numa regra in-

constitucional não estão muito felizes, Queriam manter esse privilegio mais um pouquinho.

A covid-19 acelerou esse processo no STF?

Esse debate existe há muito tempo. No **Brasil**, esse debate foi capaz de impulsionar por algum momento a nossa política de tratamento de pessoas com **HIV**. Houve um debate sobre as patentes dos medicamentos, a orientação política para se pensar numa indústria de genérico, a briga nacional e internacional para que se reconhecesse a importância dessa flexibilização e não proteger o que não deveria ser protegido. Isso gerou uma política bem sucedida com acesso universal aos medicamentos e uma capacidade de sobrevivência maior dos pacientes. Com a emergência da **covid**, temos um **Sistema Único de Saúde (SUS)** entrando em crise total, com gastos não previstos, a continuidade do problema de sub financiamento e uma escolha do Estado brasileiro de precisar levar esse direito à saúde a sério. A pandemia mostra e escancara as falhas. Há uma assimetria de acessos. A pandemia é global, mas a solução é assimétrica, com alguns países com excesso de doses, outros concentrando a produção de insumos e os países pobres que não conseguiram desenvolver sua indústria ficaram à merce de uma solidariedade internacional que ainda não veio.

Acordo sobre quebra de patente pode levar meses, dizem especialistas



Negociações ocorrem na Organização Mundial do Comércio (Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil)

As negociações na Organização Mundial do Comércio (OMC) para quebrar os direitos de propriedade intelectual sobre vacinas contra a covid-19 podem levar meses - considerando que seja superada a significativa oposição de alguns dos países membros da entidade, dizem especialistas do setor.

As conversas provavelmente serão destinadas a uma quebra significativamente mais estreita e mais curta em duração do que a que foi inicialmente proposta pelos governos da Índia e da África do Sul, em outubro do ano passado.

Antes da decisão do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, na quarta-feira (5), de apoiar negociações pela **quebra** de patentes das vacinas, os dois países confirmaram a intenção de elaborar uma nova proposta após sete meses de oposição.

A diretora-geral da OMC, Ngozi Okonjo-Iweala, saudou o gesto de Biden na quinta-feira e pediu negociações para iniciar os novos planos assim que possível. "O mundo está assistindo, e pessoas estão morrendo", afirmou.

"No mínimo, será por um mês ou dois", disse Clete Willems, ex-autoridade comercial da Casa Branca na gestão Trump, que trabalhou anteriormente na mis-

são comercial norte-americana na OMC em Genebra, sobre qualquer possibilidade de um acordo.

"No momento, não há uma proposta na mesa que quebre o acordo TRIPS simplesmente pelas vacinas", disse Willems, referindo-se ao acordo da OMC sobre Aspectos Comerciais de Direitos de Propriedade Intelectual que guia a transferência de propriedade como os **direitos** autorais de um filme ou especificidades para a manufatura de vacinas.

Um objetivo mais realista pode ser a finalização do acordo para a próxima conferência ministerial da OMC, marcada para o período de 30 de novembro e 3 de dezembro, acrescentou Clete Willems, que agora é parceiro comercial do escritório de advocacia Akin Gump em Washington.

Isso daria aos fabricantes de vacinas mais tempo para aumentar a oferta global, o que poderia ajudar a conter o vírus e aliviar a pressão pela **quebra** de patentes.

A proposta inicial de quebra de direitos de **propriedade** intelectual, feita pela Índia e a África do Sul em outubro do ano passado, incluía vacinas, tratamentos, kits de diagnósticos, ventiladores, equipamentos de proteção e outros produtos necessários na batalha contra a pandemia de covid-19.

A representante comercial dos Estados Unidos (US-TR), Katherine Tai, disse que vai buscar "negociações baseadas em texto" na quebra da OMC, o processo padrão, embora tedioso, para negociações de acordos comerciais. Os negociadores trocam textos com expressões de suas preferências, e então tentam encontrar um terreno comum, muitas vezes deixando espaços em branco para que diferenças mais espinhosas sejam resolvidas por políticos.

Todos os 164 países-membros da OMC precisam chegar a um consenso nessas decisões, e qualquer in-

Continuação: Acordo sobre quebra de patente pode levar meses, dizem especialistas

tegrante pode bloquear um eventual acordo.

"Essas negociações levarão tempo dada a natureza da instituição, que é baseada no consenso, e por causa da complexidade das questões envolvidas", disse Tai em uma nota que enterrou as expectativas de um acordo rápido.

Embora o apoio de Biden acrescente uma vontade política em selar o acordo, a Alemanha, sede da BioNTech, parceira da Pfizer no desenvolvimento de vacinas, rejeitou nessa quinta-feira a proposta de **quebra** de patente.

França e Rússia apoiam suspensão de patente de vacinas; Brasil avalia adesão



O ministro das Relações Exteriores do Brasil disse que o governo não mudou de posição sobre a **quebra** de patentes, mas não descartou a hipótese (Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil)

Os ativistas comemoraram, as farmacêuticas reclamaram e muitos governos reavaliam o que fazer depois que o presidente dos EUA, Joe Biden, declarou apoio à suspensão de patentes de vacinas contra a covid-19 para acelerar a imunização em países pobres. Ontem, França e Rússia seguiram a posição americana e defenderam a medida. O Brasil, que é contra, admitiu que pode mudar de opinião.

O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Carlos Alberto de Franco França, disse ontem que o governo brasileiro não mudou de posição sobre a **quebra** de patentes na Organização Mundial do Comércio (OMC), mas não descartou a hipótese.

"Ainda estamos tentando entender a mudança dos EUA sobre a **quebra** de patentes, mas a posição do Brasil não mudou", disse França, durante audiência na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado. "Não tenho amor a nenhuma dessas posições. Mas nada impede que a posição (do Brasil) de hoje seja atualizada amanhã."

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, disse ontem
abpi.empauta.com

ser contra a **quebra** de patentes. Durante depoimento à CPI da Covid, no Senado, ele disse temer que o Brasil não tenha condições de produzir as vacinas, mesmo com a suspensão dos direitos de propriedade intelectual. "Como nosso programa está calcado em vacinas, como a da Pfizer e da Janssen, isso pode interferir negativamente no aporte de vacinas para o Programa Nacional de Imunização. Claro que isso é uma opinião inicial. Vi que Biden se manifestou. Isso carece de análise mais detida", afirmou Queiroga.

Em Paris, o presidente da França, Emmanuel Macron, afirmou ser "totalmente a favor" de liberar patentes, mudando a posição francesa, que até então defendia que a medida desencorajaria a inovação e a pesquisa científica. Para Macron, a prioridade deve ser "a doação de doses" e a "produção de vacinas em colaboração com os países mais pobres".

O presidente russo, Vladimir Putin, também disse ser favorável à **quebra** de patentes. "Estamos ouvindo uma ideia que, em minha opinião, merece atenção: remover completamente as proteções de patentes das vacinas", disse Putin. "A Rússia, é claro, apoia essa abordagem." O apoio de Biden à suspensão das patentes aumentou a pressão sobre governos europeus. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse ontem que o bloco está "pronto para discutir" a proposta. "No curto prazo, porém, pedimos a todos os países produtores de vacinas que permitam as exportações e evitem medidas que interrompam as cadeias de abastecimento." O maior obstáculo à medida vem da Alemanha.

"A sugestão dos EUA tem implicações significativas para a produção de vacinas como um todo", disse Ulrike Demmer, porta-voz da chanceler Angela Merkel. "Os gargalos são a capacidade de produção e o alto padrão de qualidade, e não as patentes." Segundo o ministro do Exterior da Alemanha, Heiko Maas, o problema da escassez de

Continuação: França e Rússia apoiam suspensão de patente de vacinas; Brasil avalia adesão

vacinas exige uma solução rápida que só será alcançada com o aumento da produção. "A discussão sobre a **quebra** de patentes deve demorar um tempo. No curto prazo, para as pessoas que esperam uma vacina agora, isso não ajudará. Por isso, devemos continuar priorizando o aumento da produção e a otimização das cadeias de distribuição."

O raciocínio do governo alemão é o mesmo dos laboratórios. De acordo com os fabricantes, as patentes não são um obstáculo para a produção de vacinas. A BioNTech e a alemã Curevac alegam que o problema está na matéria-prima para a produção e pedem o fim das restrições americanas para a exportações de insumos. "A suspensão das patentes é a resposta mais simples, mas errada para um problema complexo", disse a Federação Internacional de Associações e Fabricantes Farmacêuticos. "A renúncia de patentes não aumentará a produção nem fornecerá

soluções práticas necessárias para combater a crise sanitária global."

A indústria também argumenta que a flexibilização reduziria os incentivos que impulsionam as inovações. Mas ONGs, ativistas e organizações internacionais discordam. "A suspensão de patentes pode mudar o jogo para a África, desbloqueando milhões de doses e salvando inúmeras vidas", disse o chefe da OMS para a África, Matshidiso Moeti.

A ONG Médicos Sem Fronteiras também elogiou a ideia. "A MSF aplaude a decisão ousada dos EUA de apoiar a renúncia à propriedade intelectual das vacinas neste período de necessidade sem precedentes", afirmou Avril Benoit, diretora da MSF nos EUA.

Ericsson chega a acordo em disputa sobre patente com Samsung

A Ericsson chegou a um acordo "plurianual" sobre licenças globais de patentes com a Samsung, disse a fabricante sueca de equipamentos de telecomunicações nesta sexta-feira, encerrando uma disputa que atingiu sua receita do primeiro trimestre.

A Ericsson afirmou não ter divulgado quantos anos duraria o acordo, que inclui **patentes** para todas as tecnologias de celular. Ela disse que agora espera que a receita de licenciamento de **patentes** do segundo trimestre seja de 2 bilhões de coroas suecas (237 milhões de dólares) a 2,5 bilhões de coroas suecas.

O acordo, que encerra processos judiciais em andamento em vários países, foi feito em tempo recorde, já que as disputas de **patentes** entre empresas de tecnologia podem levar anos para serem resolvidas.

A atual disputa começou em dezembro, enquanto a última briga entre as duas empresas foi em 2012 e demorou dois anos para ser concluída.

O acordo de licença cruzada cobre as vendas de infraestrutura de rede e aparelhos a partir de 1º de janeiro de 2021, informou em comunicado. As empresas se recusaram a divulgar os termos afirmando que são confidenciais.

A Ericsson investe cerca de 40 bilhões de coroas suecas todos os anos em pesquisa e tem um portfólio de mais de 57.000 patentes.

No primeiro trimestre, a receita de licenciamento de patentes da Ericsson caiu para 800 milhões de coroas suecas, de 2,5 bilhões um ano antes. Os royalties de seu portfólio de patentes representam cerca de um terço do lucro operacional da Ericsson.

A Ericsson disse que sua receita de **patentes** continua a ser afetada por fatores como contratos de licença expirados com renovação pendente, impactos geopolíticos no mercado de celulares, uma mudança de tecnologia de 4G para 5G e possíveis efeitos cambiais daqui para frente.

Sou contra quebra de patentes de vacinas, diz Queiroga à CPI da Covid

BRASIL



O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, declarou-se nesta quinta-feira, durante depoimento à CPI da Covid no Senado, ser contra a **quebra** de patentes de vacinas e afirmou temer que a medida, defendida na véspera pelo presidente dos EUA, Joe Biden, possa interferir de maneira negativa no programa de imunização contra a Covid-19 do Brasil.

Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, durante depoimento à CPI da Covid no Senado 06/05/2021
REUTERS/Adriano Machado Foto: Reuters

Em resposta ao senador Marcos Rogério (DEM-RO), Queiroga disse que a **quebra** de patentes é um assunto muito delicado.

"Naturalmente, isso é uma matéria mais afeta à questão das relações exteriores, mas o meu temor em relação a isso é o de não termos condições, mesmo com a quebra da patente, de produzir essas vacinas aqui no Brasil e, como o nosso programa de vacinação também está calcado em vacinas como a Pfizer e a Janssen, de isso interferir de maneira negativa no aporte de vacinas para o Programa Nacional de Imu-

nizações", disse.

"É claro que isso é uma opinião inicial. O senhor traz esse tema para mim... E eu vi que o presidente Biden se manifestou na imprensa sobre o tema. Isso carece de uma análise mais detida", reforçou.

Ao mesmo tempo, quando indagado, em outro momento, sobre sua posição sobre **quebra** de patentes de vacinas, o ministro declarou-se contra.

Carlos França: estamos tentando entender mudança dos EUA sobre quebra de patentes

BRASIL

O ministro das Relações Exteriores, Carlos Alberto de Franco França, disse nesta quinta-feira que o governo brasileiro ainda está tentando entender a possível mudança de postura dos Estados Unidos em relação à proposta de **quebra** de patentes de vacinas contra a covid-19 na Organização Mundial de Comércio (OMC) e reafirmou que, até o momento, pelo menos, a posição do Brasil não se alterou sobre o tema.

Ele fez estas declarações durante audiência na sessão na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado. "Ainda estamos tentando entender a mudança dos EUA sobre **quebra** de patentes, mas a posição do Brasil não mudou", disse.

Pressionado, o governo de Joe Biden decidiu apoiar a suspensão de direitos de propriedade intelectual sobre as vacinas contra covid-19, uma ideia proposta por países como Índia e África do Sul no organismo multilateral - mas que já tem a adesão de mais de 100 nações - e que pode permitir a **quebra** de patente dos imunizantes. A intenção é facilitar a **transferência** de tecnologia e possibilitar a produção das vacinas nos países que estão mais atrasados no processo de imunização.

"Essa é uma crise de saúde global e as circunstâncias extraordinárias da pandemia de covid-19 exigem medidas extraordinárias. O governo (Biden) acredita fortemente nas proteções de propriedade intelectual, mas em trabalho para acabar com essa pandemia apoia a suspensão dessas proteções para as vacinas contra covid-19", anunciou a representante comercial dos EUA, Katherine Tai. O chanceler brasileiro disse que terá uma reunião com ela amanhã

justamente para entender a posição americana.

A proposta engloba renúncia a diferentes direitos de proteção intelectual, entre eles as patentes dos imunizantes. Ontem, o conselho-geral da OMC se reuniu para discutir o tema, que voltará a ser debatido nas próximas semanas.

França afirmou aos parlamentares hoje que, pelo menos por enquanto, o Brasil ainda é mais favorável à terceira via, uma proposta encabeçada por Chile e Canadá. "A posição do governo não mudou", disse, argumentando que a avaliação é a de que o Brasil poderá ter mais ganho nessa área por meio da terceira via.

O chanceler também comentou que até então a proposta de **quebra** de patentes não tinha adesão de membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Nesta quinta, porém, depois do anúncio americano, a União Europeia também sinalizou que pode mudar de posição. Para o Brasil, conforme o ministro, essa proposta de **quebra** de patentes apenas tende a favorecer países que já são detentores de tecnologia. Mais cedo, na mesma comissão, ele havia dito que, mesmo com a ajuda dos laboratórios, era difícil reproduzir as vacinas em outros lugares.

"O Brasil não pode se afastar dos produtores de vacinas", disse o chanceler em uma última consideração, indicando que esta postura poderia deixar o País numa situação delicada em relação a contratos. Os Estados Unidos são um país onde está localizado um grande parque da indústria farmacêutica.

UE pede que EUA e outros exportem vacinas em vez de falarem em quebra de patente



Ursula von der Leyen em discurso durante cúpula na cidade do Porto 7/5/2021 Paulo Novais/Pool via REUTERS

A Comissão Europeia pediu nesta sexta-feira que os Estados Unidos e outros grandes produtores de vacinas contra a Covid-19 exportem os imunizantes que fabricam, como faz a União Europeia, em vez de falarem em **quebra** de patentes.

Ursula von der Leyen em discurso durante cúpula na cidade do Porto 7/5/2021 Paulo Novais/Pool via REUTERS Foto: Reuters

A chefe da comissão, Ursula von der Leyen, disse em entrevista coletiva durante uma cúpula de líderes da UE que as discussões sobre **quebra** de patente não produziriam uma única dose de vacina contra a Covid-19 no curto a médio prazo.

"Devemos estar abertos para liderar essa discussão. Mas quando liderarmos essa discussão, é preciso uma visão de 360 graus sobre isso, porque precisamos de vacinas agora para o mundo todo", afirmou.

"A União Europeia é a única região continental ou democrática deste mundo que exporta em grande escala", disse Von der Leyen.

Segundo ela, cerca de 50% da vacina contra o co-

ronavírus produzida na Europa é exportada para quase 90 países, incluindo aqueles no programa Covax, apoiado pela Organização Mundial de Saúde.

"E convidamos todos aqueles que estão envolvidos no debate sobre renúncia aos direitos de propriedade intelectual a se unirem a nós e se comprometerem a exportar uma grande parte do que está sendo produzido naquela região", afirmou.

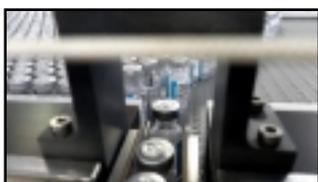
Apenas o aumento da produção, a remoção das barreiras à exportação e o compartilhamento de vacinas podem ajudar a combater a pandemia de imediato, disse.

"Então, o que é necessário no curto e no médio prazo: primeiro o compartilhamento das vacinas. Segundo, exportar as vacinas que estão sendo produzidas. E terceiro é investir na ampliação da capacidade de fabricação das vacinas".

Von der Leyen disse que a União Europeia iniciou seu mecanismo de compartilhamento de vacinas, citando como exemplo a entrega de 615.000 doses aos Balcãs Ocidentais.

Negociação sobre quebra de patente irá além do limite da OMC

GERAL



Decisão dos EUA de suspender patentes de vacinas contra a covid-19 estimulará setor privado e países a fecharem acordos pontuais sobre imunizantes

WASHINGTON - A mudança histórica de posicionamento dos **Estados Unidos** sobre as **patentes** de vacinas contra **covid-19**, **anunciada** nesta semana, pode ter efeitos que extrapolam os limites das negociações feitas na **Organização Mundial do Comércio (OMC)**. Para especialistas que acompanham a disputa comercial em Washington, a Casa Branca busca pressionar as farmacêuticas a multiplicar os acordos de **transferência** de tecnologia para produção das vacinas em outros países, antes mesmo de um futuro consenso desenhado entre os países multilateralmente.

Assessores do presidente **Joe Biden** dizem que abrir mão dos direitos de propriedade intelectual na OMC pode levar "alguns meses", pois uma medida como essa exige concordância entre todos os membros, de acordo com as regras e tradições do organismo. Mas o efeito imediato é o sinal enviado ao setor privado e também a outros países para estimular acordos pontuais.

"Há duas negociações paralelas agora. Uma pública e uma privada, feita nos bastidores", afirma Simon Lester, diretor de estudos sobre política comercial no Cato Institute. Lester, que trabalhou no órgão de apelações da OMC, afirma que a discussão mais eficaz deve ser a que estará fora dos holofotes e do palco do organismo multilateral.

"Na OMC, os EUA irão trabalhar nas próximas semanas ou meses para ver se todos os países chegam a uma proposta de consenso. Ao mesmo tempo, os americanos negociarão com a indústria farmacêutica para que o setor privado concorde com licenciamento de tecnologia para outras fábricas, para

produzir a vacina em outros países", afirma.

Farmacêuticas já têm feito acordos para licenciar a fabricação de vacinas para outros países. É o caso da parceria da AstraZeneca, por exemplo, com o Instituto Serum, na Índia. A nova posição dos americanos é lida pelo especialista como um ultimato para intensificar esse tipo de contrato e ampliar a produção dos imunizantes.

A negociação com as farmacêuticas pode ser mais rápida fora da OMC -- e mais benéfica para as empresas. A renúncia dos direitos de propriedade intelectual da forma como é discutido atualmente na proposta encabeçada pela Índia e pela África do Sul inclui questões de copyright e **desenho** industrial, além da **quebra** de patentes. O texto é, portanto, mais abrangente do que o mero licenciamento de tecnologia.

"Talvez esse consenso na OMC só seja atingido na reunião ministerial em novembro", afirma a especialista em comércio internacional e professora adjunta de Direito Internacional da American University, Renata Amaral. Um dia após anunciarem a revisão no posicionamento, integrantes do governo Biden falaram que a discussão entre os países sobre o assunto deve levar "muitos meses".

"Parece uma jogada mais alta do governo Biden para conseguir negociar ações pontuais. O consenso multilateral é muito difícil de ser alcançado. E, mesmo se nos surpreendermos e isso for para frente na OMC, não sabemos como seria implementado na prática", afirma a especialista.

Para Entender **Quebra** de patentes pode reduzir desigualdades e ampliar acesso a vacinas contra covid Campanha ganha força após EUA decidirem apoiar suspensão de direitos de propriedade intelectual sobre imunizantes

Diplomatas de países que não apoiam a **quebra** de patentes, como europeus, se queixaram da falta de ali-

Continuação: Negociação sobre quebra de patente irá além do limite da OMC

nhamento dos americanos. Eles dizem terem sido pegos de surpresa. Segundo assessores da Casa Branca, foi o próprio Biden quem decidiu a questão. Mas a Casa Branca defende uma suspensão de garantias de proteção intelectual mais restrita do que a ideia original, que tratava de produtos médicos e medicamentos usados no combate à covid-19, além de imunizantes. Os americanos falam em liberar as patentes apenas de vacinas.

"Os EUA sinalizaram que as empresas precisam ser receptivas ao discutir um acordo, caso contrário podem ver a renúncia dos direitos de propriedade intelectual aprovada na OMC -- e elas não querem isso", afirma Lester. "Os americanos enviaram uma mensagem. Estão dizendo à indústria farmacêutica: não vamos mais fazer tudo o que vocês quiserem". E isso torna a indústria farmacêutica um pouco mais disposta a fazer concessões e possivelmente concordar em fazer o licenciamento de tecnologia", diz o ex-integrante da OMC.

Segundo Renata Amaral, a nova posição dos americanos também pode incentivar governos de outros países a adotarem a quebra unilateral de **patentes**. "O efeito deve ser apressar processos de licença compulsória que os países podem dar e usar a influência para convencer farmacêuticas a transferirem tecnologia e licença sem necessariamente partir para um 'waiver' mais amplo que abarque segredo industrial e outras coisas", afirma.

Os direitos de propriedade intelectual são registrados em cada país. Organizações de direitos humanos e de saúde pedem para que os países ofereçam uma licença compulsória -- a **quebra** de patente de maneira unilateral -- no caso de medicamentos e vacinas contra covid-19. Segundo a advogada e especialista em comércio internacional, a posição dos americanos sobre as **patentes** deve fortalecer esse discurso. A medida é prevista no Acordo de Propriedade Industrial (Trips) da OMC e pode ser adotada pelo país que concedeu a **patente**, em casos de emergência nacional ou abuso econômico por parte de empresas.

Continuação: Negociação sobre quebra de patente irá além do limite da OMC

Foi o que aconteceu em 2007, quando o Brasil pela primeira vez quebrou a patente de um medicamento usado em pacientes portadores de HIV. O governo Lula anunciou a **quebra** de patente de droga usada no tratamento da aids. O medicamento era produzido por uma farmacêutica americana. Após a **quebra** de patente pelo governo brasileiro, o País passou a comprar remédio genérico produzido por uma fábrica indiana. A ideia surgiu no governo FHC, que ensaiou

quebrar a patente de dois remédios usados no coquetel de tratamento da aids, mas recuou após conseguir negociações de redução de preço com as fabricantes.

Beatriz Bulla / Correspondente , O Estado de S.Paulo

Prós e contras da quebra do registro para a economia global; leia análise

GERAL



Retomada da economia americana, após a vacinação em massa, está sendo freada pela quebra de cadeias global; à medida que os americanos voltaram à atividade e desejam consumir, a produção ainda depende de insumos que não estão à disposição

O apoio dos **EUA** à proposta da **Índia** e da **África** do Sul na **Organização** Mundial do Comércio (OMC) para a renúncia a diferentes direitos de proteção intelectual, entre eles as patentes das vacinas, visa permitir um aumento da produção e da competição nesse mercado, reduzindo seu preço. Se isso ocorrer, teríamos um término mais breve do período de pandemia pelo mundo.

Porém, uma vez que os EUA já vacinaram uma proporção expressiva de sua população, e já tem garantidas as doses para vacinar toda a sua população em poucos meses, porque se importam tanto com os demais países a ponto de impor perdas substanciais à sua indústria farmacêutica? A explicação passa pelos potenciais ganhos indiretos que sua economia teria.

A retomada da economia americana, após a vacinação em massa, está sendo freada pela quebra de cadeias global. À medida que os americanos voltaram à atividade e desejam consumir, a produção ainda depende de insumos que não estão à disposição. É como se a economia estivesse sofrendo de um choque de oferta negativo que produz uma pressão inflacionária e recessiva sobre os EUA.

A **quebra** de patentes, ao promover a vacinação nos demais países de forma mais breve, poderia acelerar a retomada de crescimento da economia mundial uma vez que os países não precisariam mais impor medidas restritivas à mobilidade, consumo e trabalho aos seus cidadãos. Com isso, as restrições à retomada do crescimento da economia americana seriam amenizadas.

No Brasil, o efeito da quebra de cadeias global também é sentido. Nesse sentido, a fatia das empresas que apontou escassez de matérias-primas em abril na sondagem da FGV-Ibre atingiu 25%, o maior valor já observado na série histórica. Ao mesmo tempo, ao se realizar um exercício de decomposição da inflação, observamos que a queda de estoques tem sido o maior responsável pela pressão inflacionária recente, mesmo diante de elevado hiato do produto e baixa nas expectativas de inflação.

Assim, o Brasil tem seu crescimento potencial limitado nesse ano pelo mesmo choque negativo de oferta que os demais países se deparam. Logo, a quebra das patentes de vacinação poderia favorecer a economia do país duplamente, ao acelerar a vacinação, reduzindo o risco de prolongamento das medidas de restrição à mobilidade, bem como ao reduzir o problema das quebras de cadeia globais.

Infelizmente, porém, nem todos os efeitos esperados são positivos. As consequências de longo-prazo po-

Continuação: Prós e contras da quebra do registro para a economia global; leia análise

dem ser temerárias. Assim como amplamente documentado na literatura acadêmica o investimento em pesquisa e inovação das empresas depende fortemente do ganho esperado com o novo bem produzido, o que depende da preservação de patentes.

Tal afirmação é especialmente relevante para o setor farmacêutico, conforme demonstrado pelos professores Daron Acemoglu, do MIT, e Joshua Linn, da Universidade de Maryland. A indústria farmacêutica é a que mais investe em pesquisa e inovação do mundo, e o direcionamento de sua pesquisa é fortemente determinado pelo tamanho de mercado e pelo preço potencial a ser obtido.

Não é à toa, portanto, que vacinas tenham sido desenvolvidas tão rapidamente para a covid-19, uma vez que o tamanho de mercado é toda a população do

planeta e que os governos estão dispostos a pagarem o que for preciso para a sua compra.

A **quebra** de patentes pode gerar uma perda de ganho esperado de novas inovações, reduzindo os gastos em pesquisa no setor quando enfrentarmos novas pandemias, o que parece não ser um evento não mais tão improvável, infelizmente.

***Professor** da Fundação Getúlio Vargas (FGV), na Escola de Economia de São Paulo (EESP) e ex-Secretário Adjunto de Política Econômica. Este artigo expressa opinião do autor, não representando necessariamente a opinião institucional da FGV

Vladimir Kühl Teles*, O Estado de S.Paulo

Só patente não basta

MUNDO



Macron critica EUA e Reino Unido por não exportarem vacinas e insumos

PORTO

Um dia depois de afirmar que apoia a suspensão de patentes de vacinas contra a Covid-19, seguindo a mudança de posição do governo americano, o presidente francês, Emmanuel Macron, voltou a jogar a bola no campo dos Estados Unidos ao afirmar que, mais importante do que **quebrar** patentes, é "a solidariedade na distribuição de doses".

Ao chegar ontem para uma cúpula da União Europeia (UE) no Porto, em Portugal, Macron criticou os EUA e o Reino Unido por proibirem, desde o ano passado, a exportação de imunizantes e de insumos para sua fabricação. Nos últimos meses, a UE, que não estabeleceu tal proibição, exportou mais de 200 milhões de doses para o resto do mundo, enquanto a China é a campeã de exportações.

- Qual é a questão atual? Não se trata realmente de propriedade intelectual. Você pode dar propriedade intelectual a **laboratórios** que não sabem produzir e eles produzirão amanhã? questionou a jornalista. A principal questão da solidariedade é a distribuição das doses. Hoje, os anglo-saxões bloqueiam muitos destes ingredientes e vacinas. Atualmente 100% das vacinas produzidas nos Estados Unidos são para o mercado americano.

abpi.empauta.com

UE TAMBÉM FAZ COBRANÇA

Macron lembrou ainda que os europeus defendem há um ano "que a vacina seja considerada um bem público".

- Estou feliz que outros estejam nos seguindo.

A posição de Macron foi endossada pela chefe da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. Em entrevista coletiva na cúpula, ela disse que as discussões sobre **quebra** de patente devem ocorrer, mas não produziram uma única dose de vacina contra a Covid-19 em curto a médio prazo.

- E convidamos todos aqueles que estão envolvidos no debate sobre renúncia aos direitos de propriedade intelectual a se unirem a nós e se comprometerem a exportar uma grande parte do que está sendo produzido em sua região - afirmou ela, ressaltando que apenas a remoção das barreiras à exportação e o compartilhamento de vacinas podem ajudar a combater a pandemia de imediato.

O tema está sendo discutido neste fim de semana pelos dirigentes da UE na chamada Cúpula Social, que reúne os 27 líderes do bloco até hoje na cidade portuguesa. Os europeus, no entanto, estão divididos. Enquanto a Espanha também anunciou o apoio à suspensão de patentes - proposta feita originalmente por África do Sul e Índia na Organização Mundial do Comércio (OMC) - a Alemanha já se posicionou contra.

"A propriedade intelectual não pode ser um obstáculo para acabar com a Covid-19 e garantir o acesso equitativo e universal às vacinas", disse o governo espanhol em um documento divulgado na noite de quinta-feira. Segundo o texto, o consenso deve ser "encontrado com urgência sobre a proposta de uma suspensão temporária das **patentes**".

O governo americano vem sendo criticado por ter re-

Continuação: Só patente não basta

corrido à Lei de Produção de Defesa, ainda no governo de Donald Trump, para impedir a exportação de imunizantes produzidos no seu território. Há duas semanas, o governo Biden anunciou que permitirá a distribuição no exterior de 60 milhões de doses da vacina da AstraZeneca, ainda sem o aval para ser aplicada nos EUA, mas não deu prazo nem indicou que países as receberão.

Em contraste, a China lidera a exportação de vacinas, com 240 milhões de doses enviadas ao exterior até o final de março, de acordo com a agência Bloomberg. Além disso, fabricantes chinesas fizeram acordos para envio de insumos para produção no exterior, como é o caso da CoronaVac, do Instituto Butantan. No total, mais de 70 países receberam vacinas chinesas ou fizeram contratos para sua fabricação, e a tendência é que o número aumente depois que a Organização Mundial da Saúde (OMS) avalizou, ontem, a vacina da estatal Sinopharm. A da empresa privada Sinovac deve receber o mesmo aval na próxima semana.

NOVAS PROPOSTAS

A Índia, importante fabricante de imunizantes, havia exportado 67 milhões de doses até se tornar o novo epicentro da pandemia, o que levou o país a paralisar as remessas ao exterior, no mês passado. Já o consórcio Covax, criado pela OMS para uma distribuição mais igualitária de doses, entregou só 50 milhões, por causa do atraso dos fabricantes.

O projeto original da suspensão de **patentes**, apoiado por 60 países na OMC, pela OMS e mais de 360 organizações da sociedade civil, previa a suspensão temporária das regras do Acordo Trips (Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual relacionados ao Comércio, na sigla em inglês) relacionadas a **patentes**, **desenhos** industriais, Copyright e segredos industriais de vacinas e medicamentos para a Covid-19 até o fim da pandemia. Para ser aprovado, ele precisa do apoio dos 164 membros da OMC.

Após 10 reuniões em sete meses, sem maiores avanços, indianos e sul-africanos anunciaram na quarta-feira que apresentarão na semana que vem uma proposta revisada, com ajustes. Os detalhes da proposta americana, que deverá ser apresentada nos próximos dias.

SÓ PATENTE NÃO BASTA

Turismo de vacina nos EUA

> Enquanto os EUA desde o ano passado impedem as exportações de imunizantes e insumos, o turismo da vacina é uma realidade no país, onde sobram doses e a burocracia de controle é pouca, incentivando estrangeiros que podem entrara viajarem para território americano para se proteger da Covid-19.

> Agora, o turismo de vacina pode ganhar novo impulso no país, com aval das próprias autoridades. Em Nova York, o prefeito Bill de Blasio anunciou um plano para vacinar turistas em pontos de atração da cidade, se o governador Andrew Cuomo der sua autorização.

> A ideia é estacionar vans nos pontos turísticos e vacinar quem quer que se apresente.

- Esta é uma mensagem positiva para os turistas. "Venham para cá, é seguro, é um grande lugar para visitar e vamos tomar conta de você" - disse o prefeito em uma entrevista coletiva na quinta-feira ao anunciar o plano.

> O turismo de vacina conta também com incentivo de regras frouxas em alguns estados. A Flórida determinou na última sexta-feira que as pessoas podem se vacinar apenas declarando verbalmente que vivem ou prestam serviço no estado.

Carlos Alberto Sardenberg

CARLOS ALBERTO SARDENBERG

CARLOS ALBERTO SARDENBERG

A patente não é o obstáculo

Vamos supor que a Organização Mundial da Saúde, com apoio dos países ricos e poderosos, decretasse hoje a quebra de todas as patentes de vacinas contra a Covid-19. O que aconteceria? Aumentaria a produção?

A resposta é não.

No curto prazo, a carência de vacinas não tem nada a ver com patentes. Simplesmente, não há capacidade de produção na escala necessária para atender ao mundo. Faltam fábricas e insumos - o que não é surpreendente. Afinal, de um momento para outro, passou a existir uma demanda global de vacinas para a qual a economia global não estava preparada.

De outro lado, e simplificando, há dois tipos de vacinas. Aquelas feitas com tecnologias conhecidas há tempos, como a CoronaVac, uma progressão em relação às vacinas contra a gripe.

E há outras, de novíssima tecnologia, como aquela inventada pela alemã BioNTech, fabricada e distribuída pela Pfizer.

No caso das primeiras, já está ocorrendo uma abertura. O fabricante chinês transferiu tecnologia e licenciou o Butantan, antigo produtor de vacinas antigripais, para produzir aqui a CoronaVac. Do mesmo modo, o complexo Oxford/AstraZeneca se relacionou com a Fiocruz.

Portanto, a carência dessas vacinas por aqui não decorre das **patentes**, mas da falta de insumos e capacidade produtiva. E por que não temos isso? E o preço de anos sem investimentos públicos e sem estímulos ao investimento privado em tecnologias de ponta.

Um dos problemas brasileiros é justamente a dificuldade de obter a patente - a proteção do direito intelectual e mantê-la.

A regra do jogo mundial na tecnologia de ponta é a proteção da invenção. Sem isso, não há investimento privado e os governos, como sabemos, são incapazes de substituí-lo. Sim, há governos que apoiam as pesquisas científicas, mas os medicamentos e vacinas revolucionários são de autoria de companhias privadas.

Há dez anos, a vacina da BioNTech era apenas uma ideia de dois cientistas, donos de uma startup. Como parecia uma ideia boa, a pequena companhia recebeu seguidos aportes de capital privado e entregou a vacina no momento em que o mundo precisou.

Teve um excelente lucro no primeiro trimestre deste ano, que paga os investimentos feitos ao longo de anos. Se a patente for quebrada, isso lança um péssimo sinal para todo o setor farmacêutico. E não teremos vacinas tão boas e tão a tempo na próxima pandemia.

Além disso, se quebrada a **patente** das vacinas de alta tecnologia, também não acontece nada de imediato. Não existem laboratórios e pessoal capacitado para essa novidade. Ou seja, danem-se os pobres?

Vamos falar francamente: não é isso mesmo que está acontecendo?

Dito de outro modo: é um imperativo moral que os governos e as instituições internacionais se movam para prover vacinas ao mundo todo.

A resposta americana - suspensão provisória das patentes parece mais uma jogada política interna e externa. Interna, porque com isso Joe Biden fala com a ala esquerda de seu Partido Democrata. E externa, para mostrar, digamos, solidariedade.

Continuação: Carlos Alberto Sardenberg

Mas vários líderes europeus, como Macron e Merkel, foram direto ao ponto: os EUA só fizeram isso depois de ter garantido doses para sua população, seguindo uma política que proíbe a exportação de vacinas e insumos.

Nesse caso, comportamento humanitário é o da União Europeia, que já exportou mais de 200 milhões de doses, mesmo não tendo garantido seu próprio abastecimento.

Exportar, bem entendido, não é apenas um gesto humanitário. Trata-se de uma pandemia, de modo que nenhum país estará inteiramente imune se os outros não estiverem.

Tudo considerado, é preciso, sim, uma ação concertada de governos para levar as detentoras de vacinas a licenciar o maior número possível de laboratórios, onde houver, e transferir tecnologia básica; e a negociar preços menores para os países mais pobres. Também se deveria obrigar os países que têm sobra de vacinas a exportá-las ou a doá-las aos mais pobres.

É um imperativo moral que os governos e as instituições internacionais se movam para prover vacinas ao mundo todo

Pablo Ortellado

PABLO ORTELLADO



blogs.oglobo.globo.com/opiniao

po.ortellado@gmail.com

Propriedade intelectual e Covid-19

A suspensão dos direitos de propriedade intelectual para produtos relacionados à prevenção e ao tratamento da Covid-19 é uma medida razoável e justificada. A sinalização dos Estados Unidos de que apoia - provavelmente de maneira nuançada - a proposta feita à Organização Mundial do Comércio (OMC) pela Índia e pela África do Sul é uma notícia alvissareira, já que o país tem sido historicamente o mais duro opositor de qualquer tentativa de flexibilizar os direitos de propriedade intelectual.

A proteção à **propriedade** intelectual é uma excepcionalidade nas economias de mercado porque institui monopólios que contrariam as regras usuais que incentivam a livre concorrência.

Patentes conferem aos criadores de uma tecnologia o direito exclusivo de exploração comercial por um período limitado de tempo, para compensar o investimento.

Assim, se a Moderna investe milhões de dólares no desenvolvimento de uma vacina, tem o direito de ven-

der essa vacina com exclusividade, sem concorrência, por 20 anos, para, por meio das vantagens do monopólio (como capacidade de determinar o preço sem a pressão de competidores), resgatar o que investiu.

O sistema de proteção à **propriedade** intelectual foi construído com base nessa racionalidade, mas contém exceções que permitem sua flexibilização em emergências médicas, como a que vivemos com a Covid-19.

O acordo Trips da OMC autoriza Estados membros a fazer licenciamentos compulsórios ("**quebra** de patentes"), que não são expropriações, mas suspensões desses monopólios, permitindo que outros atores econômicos explorem do royalties ao detentor da patente. Como não há mais monopólio, instaura-se um regime de livre concorrência, e os preços caem.

Embora esse mecanismo esteja previsto nas diferentes legislações nacionais, ele é de implementação demorada e tem alcance limitado quando se olha para a capacidade industrial de cada país e para cadeias produtivas que são internacionais. Por isso, Índia e África do Sul propuseram em outubro do ano passado uma medida de maior alcance: a suspensão de direitos de propriedade intelectual para produtos relacionados ao tratamento e à prevenção da Covid-19.

As farmacêuticas criticaram duramente a medida, alegando que isso ameaçaria o sistema de incentivos. Defensores da suspensão lembram, porém, que uma parcela muito considerável do investimento para vacinas não foi feita pelas farmacêuticas, mas pelos Estados nacionais.

A Moderna recebeu US\$ 955 milhões do governo americano para desenvolver a sua vacina. Levantamento da Fundação Kenup identificou 88 bilhões em investimentos públicos para o

Continuação: Pablo Ortellado

desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19 em 2020.

Se uma parcela ampla dos investimentos é pública, se a instauração de um regime de concorrência vai baratear os preços e ampliar a oferta, garantindo acesso aos mais pobres, a medida é justificável numa emergência desta magnitude. Resta aguardar como os Estados Unidos amenizarão a proposta de Índia e África

do Sul para buscar um consenso na OMC.

Se a instauração de um regime de concorrência vai baratear os preços e ampliar a oferta, a medida é justificável.

A hora da ciência

A HORA DA CIÊNCIA

Natalia Pasternak

Microbiologista, presidente do Instituto Questão de Ciência, pesquisadora do ICB-USP e autora do livro "Ciência no Cotidiano"

Não se faz vacina por canetada

A cadeia de produção da vacina da Pfizer começa em uma fábrica no Missouri, EUA. Lá, estão estocados os plasmídeos - pedaços circulares de DNA - contendo a informação genética da proteína S, do SARS-CoV-2. Para começar a produzir a vacina, o plasmídeo é descongelado e clonado em bactérias. Bactérias são verdadeiras fábricas: produzem desde insulina humana e enzimas para queijo até vacinas.

Fermentadores de 300 litros, cheios de bactérias, geram trilhões de plasmídeos, que serão extraídos, purificados e cortados, deixando só o DNA que vai servir de molde para o mRNA que vai na dose da vacina.

Para fazer o mRNA, a Pfizer tem duas opções: uma fábrica em outra parte dos EUA, ou uma na Alemanha.

O mRNA pronto precisa agora ir para outra fábrica, onde será "embalado" na cápsula de gordura que vai protegê-lo até que entre na célula da pessoa a ser vacinada. Há duas instalações no mundo que fazem esse serviço para a Pfizer: uma em Michigan (EUA) e outra na Bélgica. Depois, mais uma viagem, para o destino onde a vacina será envasada e acondicionada em gelo seco. Cada caixa com cinco bandejas de 195 vidros de vacina leva 20 kg de gelo seco.

Outras vacinas baseadas em tecnologias mais recentes, como a Novavax, de proteína, também exigem procedimentos complexos que poucas empresas, no mundo, têm a expertise e os equipamentos necessários para realizar com segurança e competência. E cada etapa inclui também um rigoroso controle de qualidade.

Quebrar a **patente** dessas vacinas não faz com que esses equipamentos e essa expertise se instalem, por enquanto, nos países em desenvolvimento, junto do acesso aos insumos e às tecnologias acessórias que garantam capacidade produtiva.

A Novavax, por exemplo, firmou um contrato de **transferência** de tecnologia com a farmacêutica Takeda, do Japão, que ainda não começou a produzir porque a **transferência** de tecnologia e a adequação da fábrica levam tempo. A Moderna deixou claro que não cobraria pela propriedade intelectual, e não estamos vendo o mercado ser inundado por **genéricos** da Moderna.

Para países que tem já uma grande indústria de vacinas instalada, como China e Índia, a **quebra** de patentes poderia até ser benéfica, mas neste momento a capacidade destes países já está tomada por fabricação própria e contratos de licenciamento. No Brasil, quem teria capacidade para produzir algumas dessas vacinas de multinacionais seriam Butantan e Bio-manguinhos, já comprometidos com CoronaVac, Butanvac e Oxford/Astrazeneca.

Para vacinas genéticas, falta-nos capacidade para produção em escala. Podemos até ter fermentadores para bactérias, mas e as outras etapas? Purificação do mRNA? Produção da embalagem lipídica?

Continuação: A hora da ciência

Quebrar patentes pode e deve ser discutido como uma estratégia de longo prazo, para evitar a escassez no futuro. Mas é irrelevante para a emergência atual. Os gargalos da produção são técnicos e industriais, não legais. Não dá para criar vacinas por canetada, é preciso antes investir em ciência, desenvolvimento e indústria.

Quebrar patentes deve ser discutido como estratégia de longo prazo, para evitar a escassez. Mas é irrelevante para a emergência atual

Entenda o NFT, escritura digital que faz meme virar fortuna de US\$ 470 mil

MERCADO

CIFRAS & CRIPTOATIVOS

Mercado do chamado token não fungível explode, se transforma em aposta de investidores de criptomoedas e gera expectativa de bolha

Paula Soprana

Só 12% dos americanos sabem o que é NFT, sigla para token não fungível, em inglês. Se nos Estados Unidos - onde estão os grandes entusiastas desse criptoativo o conhecimento é baixo, pouco pode se esperar de outros países. O NFT é uma raridade no mercado: está no centro de uma possível bolha, e poucos entendem do que se trata.

No primeiro trimestre deste ano, o mercado que movimentava esse ativo digital cresceu 131 vezes na comparação com igual período de 2020, segundo o Non Fungible, que monitora o setor. Foram transacionados US\$ 2 bilhões (R\$ 10,4 bilhões), grande parte para o pagamento de obras de arte digitais milionárias.

Antes de explorar os motivos da atenção que esse ativo recebe da mídia americana, das celebridades e do mundo da arte, é preciso entender sua utilidade na **internet**.

O NFT funciona como um certificado de propriedade ligado a um produto digital - uma ilustração, um meme, ou uma fotografia, por exemplo. No mundo físico, equivaleria à escritura de uma casa.

É considerado um criptoativo: carrega a promessa de valer algo no futuro, o que o difere de uma criptomoeda, que tem cotação diária (como o bitcoin, por exemplo).

Sua transação acontece em uma rede descentralizada

de **internet** chamada ethereum, (da criptomoeda ether), onde as informações ficam registradas e com inviolabilidade garantida pela criptografia.

O fato de ser não fungível significa que é insubstituível. É o contrário da lógica da moeda: uma nota de R\$ 5 ou cinco moedas de R\$ 1 têm o mesmo valor. Já o NFT é exclusivo.

Os investidores desse mercado - uma elite financeira jovem com boa noção de tecnologia- compram peças digitais raras da **internet** que garantem essa espécie de selo de ostentação. Apostam que, ao adquirir um JPEG original, ganharão dinheiro depois.

Essa é uma das poucas explicações para que um investidor adquira uma cópia original de uma imagem difundida centenas de milhares de vezes nas redes sociais. Esse movimento começou a ganhar força em 2020, com uma capitalização de cerca de US\$ 338 milhões, sobre US\$ 41 milhões em 2018.

O ápice chegou neste ano. Em fevereiro, um leilão online vendeu um GIF viral de 2011: um gatinho correndo e deixando um rastro de arco-íris. O lance foi de 300 ether. Na época, equivaliam a US\$ 600 mil (R\$ 3,1 milhões). Desde então, outros dois casos foram emblemáticos para a popularização do NFT.

Em março, a obra "Todos os Dias: Os Primeiros 5.000 Dias", do artista americano Beeple, foi vendida na casa de leilões britânica Christie's por cerca de R\$ 387 milhões.

Em abril, a fotografia da criança de sorriso sarcástico em frente a uma casa pegando foto - um meme que roda a **internet** mundo afora - foi leiloada por US\$ 473 mil. Quem vendeu a imagem foi a menina da foto, Zoe Roth, hoje com 21 anos.

Continuação: Entenda o NFT, escritura digital que faz meme virar fortuna de US\$ 470 mil

A imagem foi registrada por seu pai, em 2005, quando a família morava próxima ao Corpo de Bombeiros de Mebane, na Carolina do Norte. Toda vez que o meme for comprado em sites especializados, a família de Zoe receberá 10% do valor.

Jack Dorsey, fundador do Twitter, vendeu seu primeiro tuíte por quase US\$3 milhões. A cantora Grimes, esposa de Elon Musk, da Tesla, vendeu quase US\$ 6 milhões com suas músicas no mercado NFT.

Com tanto dinheiro gasto em pouco tempo, especialistas começaram a alertar para a formação de uma bolha digital, que envolve tanto o mercado de arte e entretenimento como o setor de criptomoedas, altamente volátil.

"Claro que é uma bolha, mas não acho que vá estourar e acabar com o mercado. Pelo contrário, vejo como o início de uma nova onda no mercado criativo de **internet**", diz Courtney Guimarães, cientista-chefe de blockchain da Avanade e cofundador da Tropix - que mira esse mercado.

Elitista e muito específico, esse nicho passou a ser referenciado como o de colecionadores digitais. Tornou-se popular por três razões principais: a alta no mercado de criptomoedas, as mudanças de consumo na pandemia e o crescimento de fintechs baseadas em blockchain.

Investidores de moedas digitais que ganharam muito dinheiro em um curto período de tempo precisaram diversificar seus aportes. Em 8 de maio de 2020, o valor do mercado global de criptomoedas e criptoativos era de US\$ 264,7 bilhões. Nesta sexta (7), ultrapassa US\$2,36 trilhões, segundo dados da Coin Market Cap.

"O NFT é um mercado completamente experimental. Havia uma demanda reprimida por escassez com pessoas que ganharam muito dinheiro, e as obras desses artistas representam isso", avalia Gabriel Aleixo, desenvolvedor de negócios na rede Hathon, pla-

taforma de blockchain. A escassez, como dita a regra, aumenta o preço do produto.

A bolha.com, que estourou de 1999 a 2000, matou todos os negócios não sustentáveis. Com o entusiasmo dos serviços na **internet** comercial, empresas do setor, mesmo sem modelos de negócio estruturados, atraíam dinheiro fácil de investidores. Sobreviveram as grandes companhias que hoje dominam o mercado de **internet**, como Google, Amazon e Microsoft.

Para alguns especialistas, o NFT pode tomar o mesmo rumo, nas devidas proporções. Mesmo que perca o apelo e a iminente bolha estoure, al modelo dessa onda proíbe viver e garantir uma nova forma de remunerar artistas e criadores de **internet**. "NFT é claramente uma bolha, mas a tendência a partir desse movimento não se restringe à bolha", diz Aleixo.

O próprio Beeple, artista que vendeu a obra na Christie's, concorda que é alvo de uma tendência financeira muito pouco estável. Por outro lado, trabalha há 15 anos com arte digital, e o NFT foi um meio de garantir o reconhecimento da sua peça em meio a tantas reproduções.

Uma corrente defende o modelo do NFT como uma opção inovadora para remunerar artistas independentes na **internet**. Outra, garante que tudo é fruto de especulação.

A tecnologia, no entanto, chama a atenção de pesquisadores do campo do **direito** autoral. "Há discussões que tratam o NFT como uma forma de criação de valor e escassez na cultura, garantindo que artistas tenham controle sobre suas obras", diz Mariana Valente, professora do Insper e diretora do InternetLab.

Um dos principais gargalos desse sistema é que não é possível comprovar que o criador do token é o autor da obra digital. Assim, o NFT garante exclusividade, mas nem sempre autenticidade.

Continuação: Entenda o NFT, escritura digital que faz meme virar fortuna de US\$ 470 mil

COMO COMPRAR UMA

CRIPTOARTE

Embora o token NFT possa ser utilizado para a compra e a venda de qualquer item digital - há quem considere um tuíte produto comercial- , a ideia foi abraçada pelo mercado de arte digital. Adquirir uma peça, no entanto, não é simples para quem não está acostumado com o mundo de criptomoedas. Além de

arcar com o alto risco de desvalorização, é preciso transferir o dinheiro a uma corretora para que seja convertido em ether, criar uma carteira digital, pagar 0 imposto para a transação no blockchain e contar com a sorte para que criptoartista vendedor do NFT seja, de fato, o autor da obra. Os sites especializados na venda de ilustrações, outras peças audiovisuais mais populares são OpenSea, Rarible e Nifty Gateway

Avanços patentes

OPINIÃO FOLHA DE S. PAULO

EUA e Europa abrem brecha para pôr em pauta de-sequilíbrio no acesso a vacinas

A desigualdade na distribuição global de vacinas contra Covid-19 é insofismável: estima-se que 1 em 4 moradores de países ricos tenham sido vacinados, enquanto nos pobres a razão estaria em 1:500. Surgem sinais, porém, de que tal iniquidade começa a ser reconhecida por governos mais poderosos.

Indício de que o constrangimento moral surte efeito veio na mudança de posição dos EUA sobre patentes. O presidente Joe Biden anunciou que apoia discutir na Organização Mundial do Comércio (OMC) a proposta de Índia e África do Sul para que a proteção sobre medicamentos para Covid seja suspensa durante a pandemia.

Não se espera nada de muito prático dessa reviravolta, mesmo com a Comissão Europeia também aberta ao debate. Decisões na OMC exigem consenso, o que pode tomar meses ou anos.

Os maiores impedimentos para elevar oferta de imunizantes entre desamparados são os gargalos de produção e o entesouramento por países desenvolvidos. Só **quebrar** patentes não teria o condão de permitir fabricação imediata, porque interessados teriam de investir em laboriosa engenharia reversa.

De todo modo, algo auspicioso parece ter sido posto

em marcha.

Uma proposta intermediária pode terminar impulsionada nessa renúncia à defesa da propriedade intelectual: mapear quais instalações poderiam produzir vacinas, pelo mundo, e ceder tecnologia e treinamento para que passem a fazê-lo. Quebras pontuais de **patentes** poderiam, aí sim, facilitar o esforço de médio e longo prazos.

Para contrapor o entesouramento, há somente o consórcio Covax, que já admite a impossibilidade de cumprir a meta de distribuir 2,4 bilhões de doses neste ano. A demanda desatendida de nações de renda mínima ou média vem sendo suprida por China e Índia, no que já se chama de diplomacia ou geopolítica de vacinas.

Das empresas ocidentais que lideram a entrega de imunizantes, AstraZeneca e Janssen os vendem sem visar ganho, ao contrário do que fazem a Moderna e a Pfizer (esta teria lucrado perto de US\$ 1 bilhão até aqui com a pandemia).

Mesmo que Moderna e Pfizer alterassem sua estratégia, suas vacinas de RNA exigem infraestrutura de refrigeração inexistente na maior parte dos países.

Seria interessante que nações ricas abrissem mão de parte de seus estoques: nenhum país estará seguro enquanto todos não estiverem.

Governo elogia proposta americana de quebra de patentes, mas não a endossa

SAÚDE

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA Em nota assinada pelo Itamaraty e pelos ministérios da Economia, Saúde e Ciência e Tecnologia, o governo Jair Bolsonaro (sem partido) elogiou a proposta dos Estados Unidos de defender a **quebra** de patentes de vacinas da Covid, mas evitou endossar a iniciativa americana.

"O governo brasileiro recebeu com satisfação a disposição dos EUA para negociar, no âmbito da OMC [Organização Mundial do Comércio], solução multilateral que contribua para o combate à Covid-19, bem como para intensificar seus esforços - em conjunto com o setor privado e demais partes interessadas- para aumentar a produção e distribuição de insumos e vacinas em âmbito global", diz a nota.

Numa mudança histórica de posição, o governo Joe Biden declarou apoio à suspensão temporária de direitos de propriedade intelectual de imunizantes contra a Covid. Dessa forma, Biden alinhou os americanos na OMC a uma ideia lançada pela Índia e pela África do Sul com o apoio de dezenas de países.

No entanto, a possível **quebra** de patentes de vacinas conta com a oposição de países europeus como França e Alemanha. Os EUA até antes do anúncio de Biden estavam nesse grupo.

No comunicado, o Brasil não anunciou apoio à **quebra** de patentes. Com isso, a posição do país no tema permanece a de defender uma terceira via, em iniciativa copatrocinada na OMC por Austrália,

Canadá, Chile, Colômbia, Equador, Nova Zelândia, Noruega e Turquia.

A chamada terceira via consiste em impulsionar iniciativas que garantam a ampliação da produção global de imunizantes, como a redução de barreiras comerciais e a identificação de capacidade ociosa em diferentes países, mas sem tocar em propriedade intelectual.

O principal argumento dos negociadores brasileiros para não apoiar a **quebra** de patentes até o momento é que a suspensão dos direitos de propriedade intelectual, segundo eles, não levaria a uma ampliação imediata da oferta de vacinas no mundo.

Isso porque o processo de engenharia reversa é complexo e mesmo com o apoio das farmacêuticas a reprodução das fórmulas em laboratório precisaria de tempo para ser concluída com sucesso.

Numa demonstração de que está preocupado com a reação das farmacêuticas, que se opõem à quebra das **patentes**, a nota do governo destaca que, em qualquer cenário, "será fundamental contar com o engajamento, a cooperação e a parceria dos detentores de tecnologias para a produção de vacinas de maneira a viabilizar sua produção no Brasil e demais países em desenvolvimento".

Além das negociações na OMC, tramita no Congresso projeto para **quebra** de patentes de vacinas da Covid.

Reunidos em Portugal, líderes europeus dividem-se sobre quebra de patentes de vacina

MUNDO



Líderes das nações mais pobres da Europa defendem a medida; governantes de países ligados a grandes farmacêuticas mostram hesitação

Pegos de surpresa pelo anúncio do presidente norte-americano, Joe Biden, de apoio à quebra temporária de patentes das vacinas da Covid-19, os líderes europeus terão dificuldades para chegar a uma posição comum sobre o assunto. Reunidos no Porto, em Portugal, nesta sexta-feira (7) para uma cúpula social eles deixam claras suas divergências.

Após a declaração de na quinta, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, foi a primeira a dizer que a União Europeia está "pronta para discutir" a **quebra** de patentes, desde que esta fosse uma saída "pragmática e eficaz".

Contudo, nas horas seguintes a discórdia entre os países europeus começou a ressoar. Enquanto líderes das nações mais pobres da Europa defendem a medida e estimulam passos ainda mais ambiciosos, governantes de países ligados a grandes farmacêuticas mostram muito mais hesitação.

Na chegada à cidade do Porto para dois dias de discussão sobre políticas sociais, os líderes europeus demonstraram a falta de sintonia sobre o assunto.

O governo espanhol defende e pede a negociação de um consenso urgente na OMC (Organização Mundial do Comércio): "a propriedade intelectual não pode ser um obstáculo para acabar com a pandemia da Covid-19 e assegurar o acesso igualitário e universal à vacina", defendeu o primeiro-ministro socialista Pedro Sánchez.

O premiê espanhol vai além e incita os laboratórios a abrirem mão voluntariamente de suas patentes para acelerar a produção dos imunizantes o mais rápido possível.

O belga Alexander De Croo, líder de um país-chave para a indústria farmacêutica da União Europeia, se pronunciou "aberto à discussão", sem deixar clara sua posição. A Bélgica é responsável pela produção de 70% das vacinas contra a Covid-19 distribuídas no continente.

Um dia após ter declarado ser "completamente favorável" à **quebra** de patentes, o presidente francês Emmanuel Macron deu uma declaração bem mais reticente nesta sexta em Portugal. Macron afirmou que a decisão "não deveria acabar com a remuneração pela inovação".

"Nós europeus lutamos há um ano para que a vacina seja um bem público global", disse, adicionando que

Continuação: Reunidos em Portugal, líderes europeus dividem-se sobre quebra de patentes de vacina

o problema central, no entanto, não é uma questão de propriedade intelectual, ecoando o argumento da indústria farmacêutica.

"Você pode dar a propriedade intelectual a empresas que não sabem como produzir (a vacina). Elas não a produzirão amanhã", complementou Macron, defendendo a doação de doses como política central para superar a pandemia também em países pobres.

O francês aproveitou para provocar o Reino Unido e os Estados Unidos, pedindo para que os países deixem de bloquear a exportação de vacinas.

Alemanha é contrária

Para a Alemanha, cujos **laboratórios** BioNTech e CureVac estão na vanguarda do desenvolvimento de imunizantes, "a proteção da **propriedade** intelectual é a fonte de inovação e deve permanecer assim".

"O que limita a fabricação de vacinas é a capacidade de produção e os requisitos de alta qualidade, não as patentes", advertiu o governo de Angela Merkel.

Para negociar uma possível **quebra** de patentes na OMS, a Comissão Europeia precisa receber a aprovação de uma maioria qualificada dos estados-membros da União Europeia, ou seja, o voto de membros que respondam por 65% da população do continente.

Os líderes de 24 dos 27 países-membros estão em Portugal e participarão de reuniões também neste sábado (8) para discutir questões sociais. É esperando que assinem um compromisso com metas nas áreas de emprego, igualdade de oportunidades, inclusão, assistência social e saúde.

Apesar da urgência mundial, até aqui, não parece provável que a cúpula seja o local para um consenso sobre as patentes.

(**Com** informações da AFP)

RFI

Suspensão de patentes teria pouco impacto na produção brasileira



Uma nova linha de fabricação demandaria a suspensão da atual produção, pois não há espaço ocioso nas plantas

BRASIL

Suspensão de patentes teria pouco impacto na produção brasileira

Uma nova linha de fabricação demandaria a suspensão da atual produção, pois não há espaço ocioso nas plantas

Por Estadão Conteúdo

Publicado em: 07/05/2021 às 10h30

2021-05-07

2021-05-07

access_timeTempo de leitura:

(Amanda Perobelli/)

O histórico anúncio do governo de Joe Biden de
abpi.empauta.com

apoio à quebra temporária de **patentes** das vacinas contra a covid-19 não deve trazer nenhum benefício imediato ao Brasil. O País não tem capacidade de produção instalada para a fabricação de imunizantes como os da Pfizer e da Moderna, feitos a partir do RNA. Mas especialistas concordam que a decisão dos EUA pode ser importante no longo prazo, até como estímulo ao investimento em novas tecnologias.

Entenda como o avanço da vacinação afeta seus investimentos. Conheça as análises da EXAME Invest Pro

No Brasil, apenas duas instituições teriam capacidade técnica para incorporar novas tecnologias de imunizantes e desenvolvê-las no País: o Instituto Butantan, em São Paulo, e a Fundação Oswaldo Cruz, no Rio; atualmente envolvidos na produção da Coronavac e da vacina de Oxford-AstraZeneca, respectivamente. Uma nova linha de fabricação demandaria a suspensão da atual produção, pois não há espaço ocioso nas plantas.

Além disso, a incorporação de novas tecnologias não é algo simples. Um bom exemplo é a fabricação da própria vacina de Oxford-AstraZeneca, baseada na tecnologia de vetor viral, nunca antes produzida por aqui. A Fiocruz levou meses para adaptar uma planta à nova produção e, até agora, ainda não começou a produzir o Insumo Farmacêutico Ativo (IFA) em larga escala.

Países como a China e a Índia teriam maior capacidade de incorporar novas tecnologias e começar a produzir imunizantes em massa com mais agilidade. Ainda que essa produção extra possa, em tese, nos beneficiar, continuaremos dependentes da capacidade diplomática do governo de Jair Bolsonaro de fechar acordos com esses países.

"No curto prazo, não há benefício imediato para nós

Continuação: Suspensão de patentes teria pouco impacto na produção brasileira

na **quebra** de patentes, porque não temos um parque tecnológico para produção em massa", resumiu o imunologista André Báfica, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). "No médio e longo prazos pode ser bem interessante, desde que esteja atrelada à criação de um parque tecnológico capaz de desafogar Butantan e Fiocruz."

O uso do RNA mensageiro para a produção de imunizantes é considerado a principal tecnologia moderna para a fabricação de vacinas. Dominar essa técnica, que pode ser adaptada para outros imunizantes, é crucial para a autonomia científica de qualquer país. "Do ponto de vista estratégico, é muito importante dominar essa tecnologia", afirmou Báfica. "Tanto é assim que os EUA investiram pesado nisso."

França e Rússia apoiam suspensão de patente de vacinas; Brasil avalia adesão

Os ativistas comemoraram, as farmacêuticas reclamaram e muitos governos reavaliam o que fazer depois que o presidente dos EUA, Joe Biden, declarou apoio à suspensão de patentes de vacinas contra a covid-19 para acelerar a imunização em países pobres. Ontem, França e Rússia seguiram a posição americana e defenderam a medida. O Brasil, que é contra, admitiu que pode mudar de opinião.

O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Carlos Alberto de Franco França, disse ontem que o governo brasileiro não mudou de posição sobre a **quebra** de patentes na Organização Mundial do Comércio (OMC), mas não descartou a hipótese.

"Ainda estamos tentando entender a mudança dos EUA sobre a **quebra** de patentes, mas a posição do Brasil não mudou", disse França, durante audiência na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado. "Não tenho amor a nenhuma dessas posições. Mas nada impede que a posição (do Brasil) de hoje seja atualizada amanhã."

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, disse ontem ser contra a **quebra** de patentes. Durante depoimento à CPI da Covid, no Senado ele disse temer que o Brasil não tenha condições de produzir as vacinas, mesmo com a suspensão dos direitos de propriedade intelectual.

"Como nosso programa está calcado em vacinas, como a da Pfizer e da Janssen, isso pode interferir negativamente no aporte de vacinas para o Programa Nacional de Imunização. Claro que isso é uma opinião inicial. Vi que Biden se manifestou. Isso carece de análise mais detida", afirmou Queiroga.

Em Paris, o presidente da França, Emmanuel Macron, afirmou ser "totalmente a favor" de liberar patentes, mudando a posição francesa, que até então defendia que a medida desencorajaria a inovação e a pesquisa científica. Para Macron, a prioridade deve ser "a doação de doses" e a "produção de vacinas em colaboração com os países mais pobres".

O presidente russo, Vladimir Putin, também disse ser favorável à **quebra** de patentes. "Estamos ouvindo uma ideia que, em minha opinião, merece atenção: remover completamente as proteções de patentes das vacinas", disse Putin. "A Rússia, é claro, apoia essa abordagem."

O apoio de Biden à suspensão das patentes aumentou a pressão sobre governos europeus. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse ontem que o bloco está "pronto para discutir" a proposta. "No curto prazo, porém, pedimos a todos os países produtores de vacinas que permitam as exportações e evitem medidas que interrompam as cadeias de abastecimento."

O maior obstáculo à medida vem da Alemanha. "A sugestão dos EUA tem implicações significativas para a produção de vacinas como um todo", disse Ulrike Demmer, porta-voz da chanceler Angela Merkel. "Os gargalos são a capacidade de produção e o alto padrão de qualidade, e não as patentes."

Continuação: Suspensão de patentes teria pouco impacto na produção brasileira

Segundo o ministro do Exterior da Alemanha, Heiko Maas, o problema da escassez de vacinas exige uma solução rápida que só será alcançada com o aumento da produção. "A discussão sobre a **quebra** de patentes deve demorar um tempo. No curto prazo, para as pessoas que esperam uma vacina agora, isso não ajudará. Por isso, devemos continuar priorizando o aumento da produção e a otimização das cadeias de distribuição."

O raciocínio do governo alemão é o mesmo dos laboratórios. De acordo com os fabricantes, as patentes não são um obstáculo para a produção de vacinas. A BioNTech e a alemã Curevac alegam que o problema está na matéria-prima para a produção e pedem o fim das restrições americanas para a exportações de insumos.

"A suspensão das patentes é a resposta mais simples, mas errada para um problema complexo", disse a Federação Internacional de Associações e Fabricantes Farmacêuticos. "A renúncia de patentes não aumentará a produção nem fornecerá soluções práticas necessárias para combater a crise sanitária global."

A indústria também argumenta que a flexibilização reduziria os incentivos que impulsionam as inovações. Mas ONGs, ativistas e organizações internacionais discordam. "A suspensão de patentes pode mudar o jogo para a África, desbloqueando milhões de doses e salvando inúmeras vidas", disse o chefe da OMS para a África, Matshidiso Moeti.

A ONG Médicos Sem Fronteiras também elogiou a ideia. "A MSF aplaude a decisão ousada dos EUA de apoiar a renúncia à propriedade intelectual das vacinas neste período de necessidade sem precedentes", afirmou Avril Benoit, diretora da MSF nos EUA.

Quer saber tudo sobre o ritmo da vacinação contra a covid-19 no Brasil e no Mundo? Assine a EXAME e fique por dentro.

Veja também BRASILSTF forma maioria para derubar norma que prorroga vigência de patentesquery_builder 6 Maio 2021 - 17h05

Obrigado por ler a EXAME! Que tal se tornar assinante?

Tenha acesso ilimitado ao melhor conteúdo de seu dia. Em poucos minutos, você cria sua conta e continua lendo esta matéria. Vamos lá?

Falta pouco para você liberar seu acesso.

exame digital

R\$ 12,90/mês

Acesse onde e quando quiser.

Acesso ilimitado a conteúdos exclusivos sobre macroeconomia, mercados, carreira, empreendedorismo, tecnologia e finanças.

Assine

exame digital + impressa

R\$ 29,90/mês

Acesse onde e quando quiser

Acesso ilimitado a conteúdos exclusivos sobre macroeconomia, mercados, carreira, empreendedorismo, tecnologia e finanças.

Continuação: Suspensão de patentes teria pouco impacto na produção brasileira

Edição impressa mensal.

ronavírus Vacinas

Frete grátis

4138322

Assine

Já é assinante? Entre aqui.

Coronavírus Economia
Internacional Pandemia vacina

contra

in-
co-

Solução para vacinas não pode ser apenas quebra de patentes, diz ministra espanhola

EQUILÍBRIO

Brasília

O anúncio histórico do governo dos Estados Unidos de apoiar a quebra temporária de patentes contra a Covid-19 foi acompanhado pelo governo da Espanha, que ao endossar a proposta de Washington se distanciou da posição das maiores economias da União Europeia.

Em entrevista à **Folha** nesta sexta-feira (7), a ministra de relações exteriores espanhola, Arancha González, afirmou, porém, que a suspensão dos direitos de propriedade intelectual não são a única solução para o problema de escassez de vacinas no mundo.

"Um dos pilares [da posição espanhola] é flexibilizar ao máximo a propriedade intelectual, com licenças voluntárias e com a suspensão das **patentes** de maneira temporária, para garantir que a produção [de vacinas] seja ampliada", disse.

"Precisamos conseguir produzir mais. Mas isso não depende apenas da suspensão das patentes, a solução não pode ser apenas a suspensão das patentes. [A solução] Tem de ser também facilitar o comércio de componentes e de insumos. Agora mesmo há dificuldades para produzir vacinas no México, no Brasil e na Argentina, porque os insumos necessários não podem ser importados dos Estados Unidos", afirmou.

A chefe da diplomacia espanhola realiza uma visita oficial a Brasília, onde se reuniu com o presidente Jair Bolsonaro e o chanceler Carlos França.

O apoio espanhol à moratória proposta pelo governo Joe Biden veio à público nesta quinta-feira (6) e foi oficialmente apresentado pelo presidente Pedro Sánchez nesta sexta.

A manifestação espanhola, no entanto, diverge da adotada por França e Alemanha, que mantêm a argumentação de que a suspensão de direitos de propriedade intelectual não garantirão uma maior oferta de imunizantes e ainda colocarão em risco a capacidade inovadora das empresas.

O Brasil também é contra a **quebra** de patentes de vacina da Covid, mas endossou na OMC (Organização Mundial de Saúde) uma proposta intermediária.

A chamada "terceira via" propõe iniciativas conjuntas da comunidade internacional para derrubar barreiras comerciais de imunizantes e insumos da Covid, sem tratar da revogação de patentes.

González cobrou ainda que EUA e Reino Unido permitam a exportação de vacinas para outros países, em um esforço de aumentar a distribuição de imunizantes globalmente. "Nós na União Europeia exportamos 200 milhões de vacinas enquanto que os EUA exportaram zero. Então isso mostra que há espaço para fazer mais. O espaço é para compartilhar as vacinas, não apenas a propriedade intelectual no futuro. Precisamos compartilhar vacinas hoje."

Um dos principais objetivos da visita oficial da ministra espanhola é tentar impulsionar o acordo comercial firmado entre a União Europeia e Mercosul, acordado há quase dois anos mas atualmente bloqueado por resistências da França e de outros países à política ambiental do governo Bolsonaro.

Ela declarou que, nas circunstâncias atuais, o acordo não seria aprovado pelo Parlamento Europeu. Por isso, diz ela, é necessário ampliar os compromissos ambientais que existem no tratado.

A negociação de um novo capítulo ambiental no acordo para tentar superar essas resistências faz parte

Continuação: Solução para vacinas não pode ser apenas quebra de patentes, diz ministra espanhola

da agenda da ministra no Brasil.

"Nesse estado atual, duvido que esse acordo pudesse ter o aval do Parlamento Europeu. Por isso Mercosul e a União Europeia estão trabalhando para reforçar o pilar da sustentabilidade e, particularmente, reforçar os compromissos em matéria de luta contra o desmatamento. Não apenas por parte de um país, como o Brasil, mas um compromisso conjunto da União Europeia e do Mercosul na luta contra o desmatamento", afirmou.

"A economia do futuro será uma competitividade baseada na sustentabilidade. É de grande interesse para

o Brasil assumir um compromisso muito claro, muito sério e público com a sustentabilidade, porque isso vai gerar um benefício para o Brasil."

Arancha González Laya, 51

Ministra de Assuntos Exteriores, União Europeia e Cooperação da Espanha. Formada em direito, foi diretora-executiva do Centro de Comércio Internacional, a agência de desenvolvimento da ONU e da OMC. Também trabalhou na Comissão Europeia na área de negociações de acordos comerciais

Operação contra pirataria de óculos prende 12 pessoas e apreende uma tonelada de produtos



Produtos apreendidos foram avaliados em R\$ 1 milhão. Balanço da Operação Cristalino, deflagrada na quinta (6), foi apresentado nesta sexta (7). Organização criminosa, segundo a polícia, produzia e vendia óculos de sol e de grau ilegais. Polícia Civil apreendeu uma tonelada de produtos em operação contra **falsificação** de óculos, no Recife - Foto: Polícia Civil/Divulgação

Doze pessoas foram presas em flagrante durante a Operação Cristalino, deflagrada, na quinta (6) pela Polícia Civil e pela Receita Federal, para combater **falsificação** e venda ilegal de óculos no Recife. Segundo balanço apresentado nesta sexta (7), os agentes e fiscais apreenderam cerca de uma tonelada de produtos, avaliados em R\$ 1 milhão.

As informações sobre a operação foram repassadas durante entrevista coletiva concedida pela delegada Thaís Galba, da Delegacia de Defesa dos Direitos dos Consumidores, na área central da capital pernambucana.

A policial informou que foram presos integrantes de uma organização criminosa especializada em produzir e vender armações de óculos de sol e de grau ilegais.

Máquina apreendida pela polícia fazia impressão de marca de óculos internacional em produto falsificado, em loja no Recife - Foto: Polícia Civil/Divulgação

O grupo, segundo a delegada, comprava produtos falsificados, que vinham do exterior, e usava máquinas para fazer gravações de marcas internacionais nas lentes e armações.

Quatro equipamentos que faziam impressões sofisticadas foram apreendidos. Os policiais também recolheram uma pistola, um revólver e 52 munições, além de R\$ 20 mil.

Os óculos estavam expostos à venda em três lojas e guardados em depósitos no bairro de São José, na área central da cidade.

"Óculos de marcas internacionais famosas vendidos em shoppings e que custam R\$ 1.500 eram comercializados por até R\$ 50 em uma dessas lojas que foram alvo de mandados de busca e apreensão", disse a delegada.

Óculos de sol e de grau falsificados passavam por impressão de marcas famosas internacionais nas lentes e armações, na própria loja, no Recife - Foto: Polícia Civil/Divulgação

Os 12 presos foram enquadrados em vários crimes e podem pegar mais de dez anos de prisão. Eles aguardam o resultado da audiência de custódia.

Entre os delitos praticados, estão crimes contra a marca e concorrência desleal e contra as relações de

Continuação: Operação contra pirataria de óculos prende 12 pessoas e apreende uma tonelada de produtos

consumo, fraude no comércio, receptação qualificada, além de associação criminosa.

"As pessoas foram autuadas por inserir no mercado produtos que sabiam que eram de origem criminosa. Os revendedores que vão lá comprar incidem no mesmo crime de receptação qualificada e o consumidor final é enquadrado por receptação culposa", explicou a delegada.

O dono de uma das lojas não foi encontrado pela polícia. "Ele não está foragido, por não termos o mandado de prisão. Fizemos buscas nas lojas e na casa dele", disse a delegada. Ao todo, foram cumpridos oito mandados de busca e apreensão.

Polícia Civil apreende óculos falsificados no centro do Recife

Ainda na quinta, durante a operação, o auditor fiscal Gustavo Medeiros, da Receita Federal, disse que a grande maioria das mercadorias é chinesa. Ele informou que é possível perceber a origem por causa das características das caixas (veja vídeo acima).

Segundo Medeiros, essas mercadorias chegam ao Brasil sem a marca impressa, para posterior impressão. Elas também conseguem passar entre as mercadorias lícitas, com as marcas impressas, já falsificadas e vindas do país asiático.

Esquema

A Operação Cristalino foi iniciada em janeiro de 2021. A delegada Thaís Galba informou que essa organização atuava de uma forma para encobrir a atividade ilegal.

De acordo com a policial, no primeiro andar de uma das lojas funcionavam um atelier e venda de roupas. No segundo piso, havia máquinas para fazer gravação, a laser, de marcas famosas nas armações falsificadas.

"As armações estavam expostas apenas com o **desenho** industrial. A loja só vende em atacado para revendedores. Eles iam lá, escolhiam a quantidade que queriam da marca pretendida e iam até o segundo andar, onde era feita a gravação, também nos estojos e nos lenços, além da colocação do nome nas lentes", disse.

Galba disse que ações como a dessa quadrilha prejudicam empresas que atuam de forma correta e a economia do estado e do país.

"Quando uma marca internacional é inserida no nosso país, faz a geração de empregos. A **falsificação** das marcas faz com que as empresas não tenham como concorrer", afirmou.

Além disso, declarou a delegada, existe um problema de saúde pública. Ela explica que lentes falsificadas prejudicam a visão dos clientes.

"Essa ação foi denominada Operação Cristalino em razão de uma parte do nosso olho que é chamada de cristalino, que é diretamente afetada com o uso de lentes que não são próprias. Elas não facilitam e não melhoram a nossa visão. Ao contrário, danificam o nosso cristalino podendo levar à cegueira", contou.

Governo diz que discutirá vacinas e patentes 'em profundidade' com os EUA



Ministérios das Relações Exteriores, Economia, Saúde e Ciência divulgaram nota conjunta. Em comunicado sobre vacinas e patentes, o governo brasileiro informou que recebeu com satisfação a disposição dos Estados Unidos para negociar, no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), uma solução multilateral que contribua para o combate à Covid-19, aumentando a produção e distribuição global de insumos e imunizantes.

Segundo nota à imprensa conjunta dos ministérios das Relações Exteriores; da Economia; da Saúde; e da Ciência, Tecnologia e Inovações, o Brasil discutirá "em maior profundidade" com os EUA sua nova posição e as implicações práticas para o amplo e urgente acesso a vacinas e medicamentos para a covid-19.

VÍDEO: 'Tenho receio que essa medida possa de alguma maneira prejudicar o rito de entrega de vacinas
abpi.empauta.com

para o Brasil', diz Queiroga sobre **quebra** de patente

A nota informa ainda que o Brasil compartilha do objetivo expresso pela representante Comercial do Governo dos EUA, Embaixadora Katherine Tai, de prover vacinas seguras e eficientes ao maior número de pessoas no menor tempo possível.

"A flexibilização de posições dos EUA e de demais parceiros na OMC poderá contribuir para os esforços internacionais de resposta à covid-19, inclusive nas negociações em curso sobre suspensão temporária de disposições no Acordo TRIPs [sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio] relativas ao combate à pandemia", informa a nota conjunta.

"Poderá, em particular, facilitar a implementação das propostas da 'terceira via', que visam a aumentar e diversificar a produção e disseminação de vacinas, principalmente em países em desenvolvimento, com melhor utilização de capacidade ociosa", acrescenta.

Segundo a nota, em qualquer cenário será fundamental contar com o engajamento, cooperação e parceria dos detentores de tecnologias para a produção de vacinas de maneira a viabilizar sua produção no Brasil e demais países em desenvolvimento.

O governo brasileiro informa ainda que aprofundará, "com flexibilidade, pragmatismo e responsabilidade", consultas com todos os seus parceiros internacionais e setor privado para desenvolver os entendimentos multilaterais necessários a uma rápida e segura produção e

Continuação: Governo diz que discutirá vacinas e patentes 'em profundidade' com os EUA

distribuição de vacinas.

Na OMC, diz, o Brasil continuará a trabalhar com a Diretora-Geral Ngozi Okonjo-Iweala e com o conjunto dos membros da Organização para a construção de solução consensual e cooperativa que viabilize a aceleração da produção e disseminação de vacinas no menor prazo possível.

STF proíbe extensão de prazos de patentes: Entenda a decisão e por que ela mexe com a indústria de medicamentos

ECONOMIA



BRASÍLIA, SÃO PAULO E RIO - O Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou nessa quinta-feira a . Por nove votos a dois, o plenário declarou inconstitucional a regra que permite prorrogar prazos em caso de demora na análise do pedido pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (**INPI**).

O trecho da lei que foi discutido aumentava, na prática, o prazo de proteção dos direitos de invenções por três anos e meio, em média, para compensar os atrasos recorrentes dos processos no Instituto Nacional da **Propriedade** Intelectual (**INPI**).



Ainda o Orçamento:

A decisão do Supremo atinge todos os setores econômicos, do eletroeletrônico ao agronegócio, mas pode ter um impacto maior no setor de medicamentos e equipamentos de saúde.

Somente na próxima quarta-feira os magistrados vão decidir a partir de que momento a mudança entra em vigor e como ela afetará os setores.



A tendência é que os ministros acompanhem o voto do relator, ministro Dias Toffoli, que defende a aplicação da regra de forma imediata somente para os produtos de saúde e neste sentido.

IR 2021:

Para os outros setores, as prorrogações de patentes ficariam proibidas somente a partir da decisão final do STF. Os prazos já prorrogados e ainda em vigência seriam mantidos.

Tire suas dúvidas sobre a decisão abaixo: O que são patentes?

Continuação: STF profere extensão de prazos de patentes: Entenda a decisão e por que ela mexe com a indústria de medicamentos



Uma **patente** é um documento que dá o direito ao inventor de um produto de impedir que terceiros possam produzi-lo, usá-lo ou vendê-lo sem autorização de quem o registrou. Processos para a obtenção de produtos também podem ser objeto desse meio de proteção da **propriedade** intelectual.

No Brasil, os pedidos de **patentes** devem ser feitos ao Instituto Nacional da Propriedade Intelectual, que fica no Rio e está subordinado ao Ministério da Economia.

Segundo o órgão, há dois tipos de **patentes**. A **Patente** de Invenção protege novas tecnologias as-

sociadas produtos ou processos, como uma máquina ou a produção de uma vacina.

A **Patente** de Modelo de Utilidade (MU) serve para novas formas de uso de objetos já registrados, como o aprimoramento de uma ferramenta, por exemplo.

A patente é uma de quem investe no desenvolvimento de novos produtos e processos. Dessa forma, é à inovação.

Warren Buffett:

Por que as patentes no Brasil têm prorrogação automática?

Pela lei atual, **patentes** de invenções têm duração de 20 anos, contados a partir da data em que o pedido de proteção é registrado no **INPI**. O parágrafo único do artigo 40, no entanto, prevê que a vigência da **patente**, ou seja, o prazo a partir da concessão do **INPI**, não pode ser inferior a dez anos.

Nó nos impostos:

Apesar dos avanços, a burocracia do **INPI** pode demorar mais de uma década. Para garantir que a vigência da **patente** tenha no mínimo dez anos, o período de proteção das invenções acaba sendo prorrogado. Esse foi o trecho contestado pela PGR e declarado inconstitucional pelo Supremo.

No relatório, Toffoli usou o exemplo do remédio Vonau Flash, da Universidade de São Paulo (USP), que teve pedido de patente formalizado em 2005 e concedido em 2018.

A **patente** deveria estar assegurada até 2025, 20 anos após a formalização do pedido. Mas como o registro levou 13 anos para ser concedido, pela regra atual ela é automaticamente prorrogada para até 2028, ou seja, dez anos após a concessão da **patente**.

Se a decisão de Toffoli for confirmada, a proteção cai

Continuação: STF proíbe extensão de prazos de patentes: Entenda a decisão e por que ela mexe com a indústria de medicamentos

em 2025.

Por que o **INPI** demora tanto para conceder os registros?

O registro de uma **patente** demanda uma série de pesquisas e verificações para garantir que o produto ou invenção a ser protegido é original e de autoria de quem pede o registro.

Esse processo é lento em todo o mundo, mas tem sido fora do normal no Brasil há anos por causa de deficiências do **INPI**. O órgão sofre há muito tempo com falta de analistas suficientes para os processos.

Barreira comercial:

De acordo com Dias Toffoli, o prazo da vigência das patentes é extraordinariamente maior no Brasil do que em outros países, o que traz impactos negativos e uma violação generalizada de direitos fundamentais sociais.

Como o problema está relacionado aos gargalos no **INPI**, os ministros no julgamento estabeleceram prazo de um ano para que o órgão contrate servidores para compor o quadro de pessoal adequado à demanda. Além disso, o órgão deve priorizar a implementação de soluções tecnológicas.

Quantas patentes podem perder a validade a partir da publicação da decisão?

Levantamento do escritório de advocacia Licks com base em dados do **INPI** mostra que 46,6% das patentes vigentes no país de diversos setores estão amparadas no dispositivo que prorroga o prazo.

Qual o impacto da decisão para o setor de medicamentos?

Se a maioria dos ministros, na semana que vem, concordar com a proposta de Toffoli de proibir a prorrogação inclusive das **patentes** que já tiveram prazos

estendidos, 3.435 registros farmacêuticos deixariam de ser protegidos, segundo dados do **INPI**.

Isso abriria espaço para outras farmacêuticas produzirem esses medicamentos que hoje estão protegidos para fabricação exclusiva de quem os registrou. É o que acontece na categoria de medicamentos genéricos, por exemplo. Com maior concorrência, os preços ao consumidor tendem a cair.

Por lei, os genéricos custam no mínimo 35% menos que os medicamentos de referência. Na avaliação da presidente da Associação Brasileira das indústrias de Medicamentos Genéricos (PróGenéricos), Telma Salles, a decisão do STF vai permitir a ampliação do acesso a medicamentos no país:

Com o fim desta distorção, as empresas terão segurança jurídica para planejar com antecedência o lançamento de genéricos e biossimilares a partir do vencimento das patentes.

Privacidade digital:

Segundo um documento assinado por oito ex-ministros da Saúde antes do julgamento, a decisão do STF pode levar a uma economia de R\$ 3 bilhões nas compras de medicamentos para o Sistema Único de Saúde (SUS).

A decisão do STF, porém, só estará completa depois que for definido a partir de que momento o veto a prorrogações entra em vigor, ou seja, se afeta **patentes** amparadas no prazo de extensão hoje ou só futuros pedidos de registro.

O que está valendo agora?

Enquanto o plenário do STF não conclui a avaliação sobre o tema, está em vigor a liminar concedida no mês passado por Toffoli, na qual o magistrado suspendeu especificamente a extensão das patentes para fármacos e equipamentos médicos, após pedido da

Continuação: STF profbe extensão de prazos de patentes: Entenda a decisão e por que ela mexe com a indústria de medicamentos

Procuradoria-Geral da República (PGR).

No entanto, por uma questão de segurança jurídica, o efeito nos setores econômicos só deve se dar com a decisão final do plenário do STF.

Como foi o placar do julgamento?

Votaram a favor da derrubada da prorrogação automática os ministros Nunes Marques, Alexandre de

Moraes, Edson Fachin, Rosa Weber, Cármen Lúcia, Ricardo Lewandowski, Gilmar Mendes e Marco Aurélio Mello, além de Toffoli, relator da ação. Luís Roberto Barroso e o presidente do STF, Luiz Fux, foram contra a decisão da maioria.

(Colaborou Alexandre Rodrigues)

Propriedade intelectual e Covid-19

POST

A suspensão dos direitos de propriedade intelectual para produtos relacionados à prevenção e ao tratamento da Covid-19 é uma medida razoável e justificada. A sinalização dos Estados Unidos de que apoia provavelmente de maneira nuançada a proposta feita à Organização Mundial do Comércio (OMC) pela Índia e pela África do Sul é uma notícia alvissareira, já que o país tem sido historicamente o mais duro opositor de qualquer tentativa de flexibilizar os direitos de propriedade intelectual.

A proteção à **propriedade** intelectual é uma excepcionalidade nas economias de mercado porque institui monopólios que contrariam as regras usuais que incentivam a livre concorrência.

Patentes conferem aos criadores de uma tecnologia o direito exclusivo de exploração comercial por um período limitado de tempo, para compensar o investimento.

Assim, se a Moderna investe milhões de dólares no desenvolvimento de uma vacina, tem o direito de vender essa vacina com exclusividade, sem concorrência, por 20 anos, para, por meio das vantagens do monopólio (como capacidade de determinar o preço sem a pressão de competidores), resgatar o que investiu.

O sistema de proteção à **propriedade** intelectual foi construído com base nessa racionalidade, mas contém exceções que permitem sua flexibilização em emergências médicas, como a que vivemos com a Covid-19.

O acordo Trips da OMC autoriza Estados membros a fazer licenciamentos compulsórios (**quebra** de patentes), que não são expropriações, mas suspensões desses monopólios, permitindo que outros atores econômicos explorem a invenção, pagando royalties ao detentor da **patente**. Como não há mais mo-

nopólio, instaura-se um regime de livre concorrência, e os preços caem.

Embora esse mecanismo esteja previsto nas diferentes legislações nacionais, ele é de implementação demorada e tem alcance limitado quando se olha para a capacidade industrial de cada país e para cadeias produtivas que são internacionais. Por isso, Índia e África do Sul propuseram em outubro do ano passado uma medida de maior alcance: a suspensão de direitos de propriedade intelectual para produtos relacionados ao tratamento e à prevenção da Covid-19.

As farmacêuticas criticaram duramente a medida, alegando que isso ameaçaria o sistema de incentivos. Defensores da suspensão lembram, porém, que uma parcela muito considerável do investimento para vacinas não foi feita pelas farmacêuticas, mas pelos Estados nacionais.

A Moderna recebeu US\$ 955 milhões do governo americano para desenvolver a sua vacina. Levantamento da Fundação Kenup identificou EUR 88 bilhões em investimentos públicos para o desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19 em 2020.

Se uma parcela ampla dos investimentos é pública, se a instauração de um regime de concorrência vai baratear os preços e ampliar a oferta, garantindo acesso aos mais pobres, a medida é justificável numa emergência desta magnitude. Resta aguardar como os Estados Unidos amenizarão a proposta de Índia e África do Sul para buscar um consenso na OMC.

Pablo Ortellado

TAGS:

Por **Pablo** Ortellado

UE adota cautela sobre quebra de patentes e defende exportações



Apesar de bloco deixar claro que não considerava a ideia uma solução viável, os líderes dizem que estão 'abertos' à discussão UE adota cautela sobre **quebra** de patentes e defende exportações Myke Sena/ MS - 03.05.2021

A União Europeia (UE) expressou nesta sexta-feira (7) cautela em relação à proposta de levantamento das patentes das vacinas **anticovid** e destacou seu papel como bloco exportador de doses, buscando definir uma difícil posição comum sobre o assunto.

Desde o surpreendente anúncio do apoio do governo dos Estados Unidos à suspensão temporária das patentes, gesto elogiado pela Organização Mundial da Saúde, a UE reagiu com evidente ceticismo.

Alexander de Croo, primeiro-ministro da Bélgica (centro da indústria farmacêutica, que responde por 70% das exportações de vacinas da UE), disse estar "pronto para discutir com a mente aberta".

Internacional Presidente da Pfizer se recusa a suspender as patentes de vacinas Internacional EUA anunciam apoio à **quebra** de patentes de vacinas anticovid Saúde O que é **quebra** de patente e por que funcionou para tratar o HIV

Por sua vez, o presidente da França, Emmanuel Macron, declarou que estava "aberto" à ideia, mas que era preciso considerar toda a complexa cadeia pro-

ductiva de vacinas contra a covid-19.

A chefe da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, expressou na quinta-feira que a UE está "pronta para discutir" tal levantamento, para determinar se era uma "solução eficaz e pragmática".

Desde o início da pandemia, a UE deixou claro que não considerava a suspensão de patentes uma solução viável, embora agora seus líderes digam que estão "abertos" à discussão.

"Explicar" a proposta

Nesta sexta-feira, especialistas da Comissão Europeia disseram que o principal obstáculo à produção global de vacinas não é a proteção da **propriedade** intelectual, mas o acúmulo de insumos por um pequeno grupo de países.

Um funcionário da UE comentou que as discussões devem continuar, mas acrescentou que não receberam "um único exemplo" em que a capacidade tenha sido restringida por **patentes** ou outros direitos de propriedade intelectual.

Outro especialista disse que "levantar **patentes**, por si só, não vai consertar as coisas (...) Não significa que você terá acesso à tecnologia ou ao conhecimento".

Portanto, "os Estados Unidos deveriam explicar exatamente o conteúdo de sua proposta. Não vimos nada mais do que uma declaração muito geral", apontou.

Para os líderes europeus, a chave da solução para o problema da universalização das vacinas é evitar o monopólio dos insumos e levantar o bloqueio às exportações dos injetáveis.

Macron disse que o debate "não deve ser sobre a pro-

Continuação: UE adota cautela sobre quebra de patentes e defende exportações

priedade intelectual", mas sobre "a **transferência** de tecnologia e a mobilização das capacidades produtivas".

O presidente francês não poupou palavras e criticou os Estados Unidos e o Reino Unido por bloquearem a exportação de vacinas produzidas em seus territórios.

A UE, por outro lado, reitera todos os dias que é o

principal exportador de vacinas, com mais de 200 milhões de doses produzidas no bloco e enviadas para outras regiões do mundo.

Um porta-voz da chanceler alemã Angela Merkel observou que, na visão de Berlim, "a proteção da **propriedade** intelectual é uma fonte de inovação e deve continuar a sê-lo no futuro".

Quebra de patentes das vacinas "pode salvar milhões de vidas", diz Unesco

Paris, 7 mai (EFE).- A Unesco apoia o movimento que busca quebrar as patentes das vacinas contra a covid-19 por considerar que a iniciativa "pode salvar milhões de vidas e servir de exemplo para o futuro da cooperação científica", afirmou nesta sexta-feira a diretora-geral da organização, Anne Azoulay.

"A covid-19 não respeita fronteiras. Nenhum país estará seguro até que a população de todos os países tenha acesso à vacina", ressaltou em comunicado.

De acordo com a nota, a campanha pela **quebra** de patentes das vacinas responde à convocação conjunta que Unesco, Organização Mundial da Saúde (OMS)

e Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos fizeram em outubro de 2020, de modo a abrir a ciência e estimular a cooperação científica.

Com esta pandemia, "o mundo embarcou em uma nova era da pesquisa científica", afirma a Unesco, ao lembrar que pesquisadores chineses fizeram o sequenciamento do novo coronavírus em 11 de janeiro de 2020 e o publicaram online, possibilitando que cientistas alemães desenvolvessem um teste de detecção que foi compartilhado pela OMS com os governos de todo o mundo.

Brasil agora apoia negociações para quebra de patentes de vacinas



"O Brasil compartilha o objetivo expresso pela representante comercial do governo dos EUA, embaixadora Katherine Tai, de prover vacinas seguras e eficientes ao maior número de pessoas possível no menor intervalo de tempo possível", afirma o texto. Na OMC, diz o comunicado, o Brasil continuará a trabalhar com a diretora-geral do órgão, Ngozi Okonjo-Iweala, e com os demais países para a construção de uma solução "consensual e cooperativa".

Com Agência Brasil

Mudança de postura do governo foi motivada por posicionamento favorável à medida dos EUA

Após a aprovação pelo Senado do projeto de lei que autoriza a quebra temporária de **patentes** e insumos de vacinas contra a Covid-19, o governo brasileiro passou a apoiar as negociações em torno da medida na Organização Mundial do Comércio (OMC). A nova posição de Brasília foi divulgada no fim da tarde desta sexta-feira, 7, em nota conjunta dos ministérios das Relações Exteriores, da Saúde, da Economia e de Ciência, Tecnologia e Inovações.

Na quinta-feira, o chanceler Carlos Alberto Franco França afirmou, em audiência pública no Senado, que o país mantinha a posição contrária à **quebra** de patentes da vacina e de insumos contra a Covid-19. No entanto, admitiu que o governo brasileiro poderia rever a posição caso a mudança de postura dos EUA atendesse aos nossos interesses. O governo americano anunciou na quarta-feira que apoiaria a quebra temporária de patentes.

Após iniciativa dos EUA, Brasil diz que quebra de patentes apoia combate à Covid



Governo diz que objetivo é intensificar os esforços para aumentar a produção e distribuição de insumos e vacinas em âmbito global. O governo brasileiro divulgou posição favorável à disposição dos Estados Unidos em negociar, no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), uma solução multilateral que contribua para o combate à Covid-19.

O objetivo, de acordo com o governo, é intensificar os esforços, em conjunto com o setor privado, para aumentar a produção e distribuição de insumos e vacinas em âmbito global.

"O Brasil compartilha o objetivo expresso pela Representante Comercial do Governo dos EUA, Embaixadora Katherine Tai, de prover vacinas seguras e

eficientes ao maior número de pessoas possível no menor intervalo de tempo possível".

De acordo com o governo, a flexibilização de posições dos EUA e de demais parceiros na OMC poderá contribuir para os esforços internacionais de resposta à pandemia, inclusive nas negociações em curso sobre suspensão temporária de disposições no acordo de TRIPS (em português: Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio) relativas ao combate à pandemia.

"Poderá, em particular, facilitar a implementação das propostas da "terceira via", que visam aumentar e diversificar a produção e disseminação de vacinas, principalmente em países em desenvolvimento, com melhor utilização de capacidade ociosa. Em qualquer cenário, será fundamental contar com o engajamento, cooperação e parceria dos detentores de tecnologias para a produção de vacinas de maneira a viabilizar sua produção no Brasil e demais países em desenvolvimento", afirmou o governo.

Em posicionamento conjunto entre os Ministérios das Relações Exteriores, da Economia, Ministério da Saúde e da Ciência, Tecnologia e Inovações, o governo disse que aprofundará as consultas com todos os seus parceiros internacionais, e também junto ao setor privado, para "desenvolver os entendimentos multilaterais necessários a uma rápida e segura produção e distribuição de vacinas".

Índice remissivo de assuntos

Patentes

5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 20, 22, 24, 26,
31, 32, 33, 35, 39, 43, 45, 49, 50, 52, 53, 54

Propriedade Intelectual

7, 24, 33, 45, 49, 50

Direitos Autorais

7, 28

Inovação

13, 15, 26, 50

Desenho Industrial

15, 20, 41

Pirataria

41

Marco regulatório | INPI

45